

# **CADERNO Nº 6**

# **CADERNO Nº 6**

**Lições do Pe. Manuel Nunes Formigão sobre os temperamentos, os  
caracteres e prática do Exame Particular**

Exame particular

Votos de Religião

Caracteres (continuação)

Diferentes temperamentos

Estudo dos caracteres

Santificação das relações de amizade

# EXAME PARTICULAR

(assuntos de exame)

## **Da renúncia de si mesmo**

1. Por meio de actos interiores o mais frequentes possível, o mais intensos possível (orações, jaculatórias, breves reflexões bem escolhidas), entreter-me com a lembrança dos meus pecados e com o ódio de mim mesmo proporcionado à dor que tenho dos meus pecados.

2. Por um sentimento de vingança e de amorosa reparação, exercitar-me a contrariar a minha vontade, os meus gostos naturais, a busca das minhas comodidades, tudo o que tem sido em mim ou pode vir a ser o princípio de revolta contra a ordem, contra Deus.

3. Pelo mesmo sentimento aceitar com alegria, alegria de vontade, entenda-se tudo o que, nas disposições da Providência, na conduta dos homens (superiores, iguais, inferiores) contraria os meus desejos, transtorna os meus planos, vai contra as minhas ideias, humilha dum modo mais sensível o meu amor-próprio; na medida duma sábia discrição ir ao encontro dessas contrariedades; quando elas vêm, agradecê-las a Deus.

4. Fazer violência a mim mesmo em tudo o que poderia impedir a obediência nos seus três graus, a observância das regras, o cumprimento das minhas resoluções, em particular das relativas à penitência e aos exercícios espirituais.

5. Renunciar-me nas coisas permitidas, como, por exemplo, privando-me de sair do meu quarto, de ver um objecto agradável ou curioso, de saber notícias, de dizer o que tenho maior desejo de dizer, de ler imediatamente ou de tornar a ler uma carta...

6. Renunciar-me a mim mesmo nas acções que sou obrigado a fazer: assim quando vou tomar o meu repouso ou a minha refeição, estudar, fazer uma visita, dar um passeio, etc... mortificar primeiro o meu gosto natural e a minha vontade, dizendo de coração: “Não é, Senhor, para me satisfazer, mas para cumprir a vossa vontade, que eu vou fazer isto ou aquilo”.

7. Interdizer-me absolutamente desejar, seja no que for, o prazer pelo prazer.

## **Da paciência e da conformidade com a vontade de Deus**

1. Habituar-me por meio de actos interiores cada vez mais frequentes e intensos, tais como orações jaculatórias, reflexões curtas e bem escolhidas, a conservar-me sob a total dependência de Deus, e na indiferença por tudo o que não é Ele; a ver tudo vir da sua mão paternal, sem olhar às causas segundas, isto é, a criaturas mais ou menos amáveis, a oferecer-me a Ele para sofrer tudo que Ele quiser, recordar-me enfim do que merecem, de rigorosos castigos, os meus pecados passados.

2. Não deixar escapar nenhum sinal de impaciência, por gesto ou por palavra; mostrar pelo contrário nas minhas palavras, no ar do meu rosto e em todos os movimentos uma grande tranquilidade de espírito.

3. Não deixar entrar no meu coração nada que possa perturbar a minha paz, causar-me tristeza, provocar a minha indignação; interdizer-me todo o desejo de vingança qualquer que ela seja.

4. Prever, nas horas calmas os momentos mais críticos e formar o projecto de não me impressionar, de não me irritar; orar, ao mesmo tempo, para esse fim: orar tanto mais quais mais se aproximar o momento difícil.

5. Sob o golpe da tentação, tristeza, desgosto, cólera, o mais possível não determinar nada, pelo menos, não mudar nada nas medidas já tomadas.

6. Enquanto dura o acesso, o mais possível, não falar, a não ser porventura com uma pessoa de bom conselho; fazer diversão, arranjar um derivativo para a minha emoção pela leitura, pela oração, esperar.

7. Por amor de Nosso Senhor, cuja vida inteira foi uma cruz e um martírio, para mais O imitar, exercitar-me em aceitar todas as contrariedades, todos os sofrimentos, todas as privações:

1º- Com resignação;

2º- Com prontidão de aquiescência;

3º- Com alegria, como se eu visse Nosso Senhor e O ouvisse dizer-me: “Meu filho, eu quero que sofras isto por amor de mim e para o maior proveito da tua alma”. Redobrar mesmo, apesar da provação de reconhecimento para com Deus e de bondade para com o próximo.

### **Da pureza de intenção**

1. Habituar-me por meio de actos interiores cada vez mais frequentes e intensos, tais como orações jaculatórias, reflexões curtas e bem escolhidas, a não procurar senão Deus em todas as coisas, Deus sobre todas as coisas; só Deus a considerar, a amar, a contentar.

2. Não fazer nada por respeito humano, nem para ser notado, estimado dos homens, não fazer nada por minha satisfação particular; não abandonar nunca uma obra que conviria continuar, porque já não encontro nela vantagem ou proveito para mim.

3. Não omitir nada do que me inspira a consciência, por temor do “que dirão” ou da vaidade.

4. Oferecer-me a Deus, a mim e às minhas acções, da manhã ao acordar, no princípio de todo o exercício; permanecer-lhe unido do coração, mesmo no descanso do exercício.

5. Repudiar toda a intenção contaminada de exaltado interesse pessoal, vanglória ou prazer.

6. Em matéria de boas obras, em igualdade de circunstâncias, fazer com mais cuidado aquelas que não têm senão Deus por testemunha e por juiz.

7. Entregar-me com solicitude a tudo o que eu sinto ser a vontade de Deus, quer quanto aos próprios actos, quer quanto à maneira de os realizar.

8. Pôr-me com todo o cuidado em guarda contra todo o sentimento de vã complacência; evitar com empenho tudo quanto parecesse egoísmo e pretensão.

9. Vigiar e reprimir essas impaciências, essas pressas em começar, em acabar o que tenho a fazer, essas agitações interiores e exteriores, esses desânimos, esses despeitos que denotam ordinariamente uma intenção menos pura.

### **Da perfeição das acções ordinárias**

1. Por actos interiores o mais frequentes, o mais intenso possível (orações jaculatórias, orações breves e bem escolhidas), habituar-me a procurar a santidade nas acções mais comuns e menos importantes do dia; a pô-la, a fazê-la consistir unicamente como fazem os eleitos no Céu, e como faz Nosso Senhor na sua vida oculta; quer em Nazaré, quer no Sacrário, no cumprimento exacto da vontade de Deus, qualquer que seja de resto, quanto ao material e ao exterior, a acção de que se trata.

2. Fazer as acções litúrgicas segundo as rubricas; os exercícios espirituais segundo as regras, à hora marcada sem nada suprimir quanto ao tempo que eu não supra em seguida o que falta com toda a diligência possível, isto é, com um respeito exterior com atenção e fervor.

3. Cumprir em todo o tempo, em todas as suas particularidades, todas as minhas regras, não por rotina, por descargo de consciência, para fazer como os outros, mas com inteligência e consciência, propondo-me na observância de cada uma, os motivos pelos quais foi estabelecida e a virtude que ela inculca.

4. Observar particularmente tudo o que é do meu cargo, como devendo dar contas dele a Deus; não omitir nada do que Ele me impõe, sem que o Superior seja avisado.

5. Não cometer nenhuma falta, por mais leve que seja, de propósito deliberado.

6. Fazer caso, por grandes princípios, das mais pequenas observâncias: ordem, asseio, silêncio de palavra e de acção, modéstia.

### **Da temperança nas refeições**

1. Determinar em, harmonia com a experiência o que me convém, o que me basta em matéria de alimento, e, fora do caso de necessidades reais, cingir-me a essa medida, tirando mesmo alguma coisa ao que é conveniente, em vez de acrescentar, quando o apetite ou a tentação de gula me excita mais vivamente a excedê-la.

2. Excepto no caso de necessidade, interdizer-me pensar fora do tempo das refeições, nas coisas da mesa, ainda mais falar delas, ainda mais queixar-me delas.

3. Não comer nem beber fora do tempo das refeições sem licença, sem necessidade.

4. Servir-se com reserva das iguarias mais delicadas, dos vinhos finos; servir-se de preferência das iguarias mais comuns, do vinho ordinário.

5. Durante a refeição evitar toda a aparência de pressa, toda a maneira contrária à civilidade; elevar o meu espírito pela audição atenta da leitura, pela lembrança de Nosso Senhor nas bodas de Caná, por exemplo; elevar toda a minha maneira de ser e de proceder pela imitação das suas maneiras.

### **Da caridade fraterna**

1. Por meio de actos interiores os mais frequentes possíveis, o mais intensos possível (orações jaculatórias, breves reflexões bem escolhidas) habituar-me a ver Nosso Senhor Jesus Cristo no próximo, e, e quem quer que ele seja e como quer que ele seja, proceder para com ele, tratá-lo segundo esta vista de fé.

2. Não falar de nenhuma falta de próximo, mesmo leve e pública; em particular, excepto no caso de necessidade, interdizer-me em toda a confidência que ferisse a reputação do próximo. Nunca rir nem falar das humilhações que as companheiras façam em público quer voluntariamente com licença da Superiora, quer por imposição dela em castigo de alguma falta cometida.

3. Não dar a ninguém nenhum motivo de impaciência ou de má edificação, pelo descuido, pela negligência no cumprimento do dever; incomodar-me para não incomodar.

4. Não dizer nunca a ninguém: “fulano ou fulana disse isto ou aquilo de si”, quando essa informação é de molde a causar desgosto, a fazer sofrer.

5. Não dizer palavras mordazes ou que mostrem aspereza, desabrimento, impaciência.

6. Não contradizer sem necessidade; não o fazer pelo menos, se isso for necessário, senão com precaução e circunspecção.

7. Não repreender os outros, se não tiver missão para isso.

8. Evitar formar interiormente algum juízo desfavorável sobre qualquer pessoa, evitar sobretudo mostrar aversão para quem quer que seja, deixando, por exemplo, de dirigir a palavra ou de prestar serviço àqueles pelos quais experimentasse alguma antipatia.

9. Fazer-me tudo para todos, entrando, o mais possível, nas ideias e nos sentimentos dos outros.

10. Não me perdoar nenhuma falta de caridade; reparar o mais depressa possível e o melhor possível aquelas que eu cometer.

11. Propor-me ser, para com todos, cordial e sincera na minha afeição atenciosa, delicada e discreta, segundo as pessoas e as circunstâncias, indulgente, animadora compassiva reconhecida generosa em dar o meu tempo e o meu trabalho desinteressado todo sobrenatural.

**12.** Não ter relações demasiado íntimas com ninguém.

**13.** A respeito de alguém que me tivesse magoado ou tratado injustamente:

**1º** Não recordar as suas palavras ou actos ofensivos;

**2º** Interdizer-me pensar neles mesmo diante de Deus;

**3º** Cortar cerce, fazer diversão ao ressentimento, à amargura como a um mau pensamento;

**4º** Exercitar-me em geral à indulgência, à benevolência;

**5º** Quando a ocasião se oferecer, falar deles em bons termos, sem todavia ferir a verdade;

**6º** Aproveitar todo o ensejo de me aproximar dele; corresponder às mais pequenas demonstrações de desejo de aproximação por parte dele.

### **Da modéstia**

**1.** Habituar-me por meio de actos interiores cada vez mais frequentes e intensos (orações, jaculatórias, breves reflexões bem escolhidas) a considerar-me como que cercado, penetrado da santa presença de Deus; como membro vivo de Jesus Cristo, e a praticar assim a modéstia pelo motivo sobrenatural do respeito de Deus, do respeito de mim mesmo, do respeito dos outros, por um sentimento de amor todo prático para com o Divino Modelo, pelo desejo de imitar o seu exterior todo perfeito.

**2.** Introduzir-me em geral, em toda a parte, sempre, só ou acompanhada, na atitude e no procedimento, tudo o que procurava das suas maneiras de ser e de fazer uma pessoa bem educada.

**3.** Observar-me em especial, sobre a exacta observância das regras da modéstia, dadas por Santo Inácio, tomando umas vezes umas outras vezes outras para assunto do meu exame particular.

**4.** Aplicar-me sobretudo a tornar a minha, conversação irrepreensível, a banir particularmente a falta de circunspecção, a indiscrição, a leviandade, a irreflexão, a criancice ou a puerilidade, a pretensão, todo o sinal de impaciência e toda a contestação, toda a crítica a respeito do próximo, toda a maledicência, a taciturnidade, os ares de enfado ou por demais interessados.



# VOTOS DE RELIGIÃO

## **Da Pobreza**

1. Habituar-me por meio de actos interiores, cada vez mais frequentes e mais intensos, tais como (orações, jaculatórias, reflexões breves mas bem escolhidas), a considerar-me como um viajante sobre a terra, como um pobre ao qual Deus não faz senão emprestar o que ele põe ao seu serviço; habituar-me a considerar-me como podendo morrer de um dia para o outro; entreter-me assim num grande sentimento de dependência para com Deus e de desprendimento de tudo o que não é Ele; afeiçoar-me à pobreza como Nosso Senhor e pelo desejo de ser semelhante a Ele.

2. Não dar nem emprestar nada a ninguém, não receber nada de ninguém, quer de fora, quer de casa, sem licença.

3. Não me servir de nada quer de casa, quer do quarto quer do ofício doutra sem licença.

4. Não conservar nada que seja supérfluo, desfazer-me de tudo o que tiver além do necessário, em matéria de livros, de manuais ou de qualquer outra coisa.

5. Não usar nenhuma das coisas postas ao meu serviço com espírito de propriedade; estar pronto quer a trocá-las quer a separar-me delas sempre.

6. Poupar todos os objectos ao meu serviço, tomar cuidado deles, assim como de tudo o que pertence à casa.

7. Não ocasionar nenhuma despesa, nenhuma reparação supérflua.

8. Na qualidade de pobre voluntário e para imitar Nosso Senhor pobre durante a sua vida mortal e no Sacrário:

1º Não me envergonhar de parecer pobre aos olhos de todos, mesmo nas coisas necessárias: no vestuário, na alimentação, no quarto, nos móveis, preferir o que há de mais simples;

2º Estimar muito ter às vezes falta, mesmo do necessário.

## **Da Castidade**

1. Habituar-me por meio de actos interiores, tais como (orações, jaculatórias, reflexões breves mas bem escolhidas), a considerar-me como o templo vivo do Espírito Santo, como o membro vivo de Jesus Cristo, como filho de Maria, muitas vezes

consagrado à Virgem das Virgens; adquirir por consequência todos os instintos da mais delicada pureza, imitar no uso de todos os meus sentidos; Nosso Senhor e Nossa Senhora.

2. Impedir por meio dum grande recato da vista todo o encontro desagradável, sobretudo nos meios mais mundanos; afastar depressa os olhos de tudo o que poderia perturbar a serenidade da alma, despertar impressões deploráveis.

3. Procurar derivativo para todo o pensamento ou imaginação menos pura; recorrer a Maria.

4. Não dizer nem escutar nenhuma palavra, nem ler nenhuma passagem de qualquer autor que fira as delicadezas da pureza.

5. Nos cuidados do corpo, tão sóbrios e tão rápidos quanto possível, guardar o mais perfeito decoro, limitar-se dum modo particular, pelo que diz respeito à vista e ao tacto, ao estritamente necessário.

6. Não tocar em ninguém e não me deixar tocar por ninguém fora dos casos autorizados pelas conveniências ou pelo costume.

7. Interdizer-me todo o olhar de complacência e toda a reflexão sobre os atractivos, os dotes físicos das pessoas que eu vir; interdizer-me as afeições naturais sensíveis; não procurar nunca as pessoas pelas quais se fizessem sentir estas inclinações.

8. Descobrir com muita simplicidade ao meu director as minhas tentações deste género.

9. Abster-me sempre de falar sobretudo às minhas companheiras, quanto não seja verdadeiramente necessário, de assuntos mundanos que se relacionem com a pureza, como namoros, casamentos, divórcios, nascimentos, dotes físicos de rapazes e meninas, etc.

### **Da Obediência**

1. Habituar-me por meio de actos interiores cada vez mais frequentes e intensos (orações, jaculatórias, reflexões breves mas bem escolhidas) a reconhecer a voz de Nosso Senhor e a expressão da sua vontade no toque da sineta, nas mais pequenas prescrições da regra ou do costume, na palavra do Superior qualquer que ele seja, mais ou menos simpático, exercitar-me em todo o acto de obediência agradável ou custoso à natureza a comprazer-me puramente na santíssima e amabilíssima vontade de Deus como se faz no Céu, Sicut in coelo.

2. *Execução / Prontidão.* Não chegar com atraso a nenhum exercício, e por isso conservar-me pronta a obedecer ao primeiro toque da sineta, sem mesmo acabar de escrever a palavra que tivesse começado; fazer o que me foi mandado no tempo querido, no dia, na hora marcada; avisar a tempo quem de direito da impossibilidade em que me encontro de cumprir uma ordem dada, de exercer o meu ofício; por irreflexão, por leviandade, por esquecimento, por distração, não me fazer repetir as mesmas coisas; o que eu puder fazer imediatamente, fazê-lo o mais depressa possível, sem adiar.

3. *Integridade.* Não omitir nada do que me é prescrito pelo ofício, não alterar, não mudar, não modificar nada nas disposições da obediência, sem que o Superior o saiba e consinta nisso; desempenhar-me bem sobretudo do que o Superior não deve fiscalizar; cumprir conscienciosamente todo o meu dever até ao último dia, até ao último minuto.

4. *Força.* Sob nenhum pretexto, e maior facilidade, de cansaço, de aborrecimento, não me dispensar de nenhum ponto da obediência, sem que o Superior me autorize a isso. Não me desculpar em face das observações desagradáveis ou das repreensões; agradecê-las ao Superior e mostrar por todas as minhas maneiras, que estou muito contente por as ter recebido.

5. *Vontade.* Diligenciar dar a todos os meus actos de obediência esse carácter de alegria, de entusiasmo, que o amor da coisa prescrita e o zelo em cumprir a vontade de Deus inspiram; oferecer-me de boa vontade para o que eu julgo ser agradável ao Superior.

6. *Inteligência.* Evitar todo o pedido de explicação que se assemelhasse a uma objecção; Não apresentar observações ao Superior senão depois de ter orado e de me ter posto na indiferença; mostrar sempre nas minhas palavras muito apreço, muita estima por tudo o que vem dos Superiores, sem me tornar cúmplice de nenhuma crítica directa ou indirecta; abster-me de toda a conjectura sobre o que os Superiores devem fazer a meu respeito ou a respeito dos outros.

### **Para o tempo dos exercícios**

1. Combati corajosamente as tentações de aborrecimento, de tristeza da alma e de preguiça, quando elas se apresentaram?

2. Evitei com cuidado toda a dissipação?

3. Guardei o silêncio?
4. Abstive-me de rir?
5. Guardei a modéstia no andar, no olhar, sobretudo na presença dos outros?
6. Preparei com cuidado os pontos da meditação?
7. À noite depois de me ter deitado, resumi brevemente a meditação do dia seguinte?
8. De manhã, ao acordar, afastei todo o pensamento estranho, para me ocupar da meditação, dos prelúdios?
9. Conservei-me em pé a um ou dois passos do lugar da meditação, considerando Nosso Senhor Jesus Cristo como presente e atento ao que eu ia fazer; adorei-o ao ajoelhar-me?
10. Durante a meditação escolhi a posição mais conveniente para obter o fruto que desejava?
11. Detive-me no fruto em que encontrei a devoção que procurava, sem me afligir nem me dar pressa de passar adiante, enquanto achava matéria para as reflexões e afectos?
12. Empreguei na meditação o tempo marcado?
13. Meditei com aplicação e sem constrangimento?
14. Exercitei-me ao respeito e ao fervor nos colóquios?
15. Acabado o exercício examinei o resultado, o proveito que dele tirei? Se a meditação foi mal sucedida, procurei as causas, exercitei-me ao arrependimento, tomei a resolução de a fazer de futuro mais bem feita?
16. Notei brevemente e com simplicidade as luzes que Deus me comunicou durante a meditação ou em qualquer outro tempo?
17. Alimentei pensamentos conformes com os assuntos da meditação? Afastei os outros, mesmo piedosos?
18. Não fiz senão leituras em harmonia com as meditações?
19. Não pensei com curiosidade nas meditações seguintes?
20. Manifestei as dificuldades que se apresentavam ou que eu experimentava?
21. Procurei renunciar à tendência para me preocupar excessivamente comigo mesma, Não me abandonando confiadamente à Providência e nas mãos dos Superiores, só querendo a glória de Deus e a salvação das almas?

### **Para o tempo da doença**

1. Piedade Valer-me de jaculatórias, de reflexões breves mas bem escolhidas, para aceitar o meu mal com pensamentos interiormente sobrenaturais, por ex: Ecce quem amas infirmatur, Domine. A doença não é menos um dom de Deus do que a saúde. A doença é uma expiação, uma grande fonte de méritos. Mihi vivere Christus est, mori lucrum.

Ler ou fazer que me leiam algum livro espiritual (tratado ascético ou vida de Santo), a Paixão de Nosso Senhor sobretudo, para me entreter nesses sentimentos.

2. O mais possível não suprimir nada dos meus exercícios espirituais ordinários sem consultar o Director Espiritual, ou a Superiora, pelo menos, sem os avisar.

3. Santificar sempre o uso do alimento, das bebidas, dos remédios, com algum acto de piedade.

4. Unir-me pelos menos de coração às Missas que se dizem na Igreja; prescrever-me para durante o dia um certo número de visitas espirituais ao Santíssimo Sacramento e de Comunhões Espirituais.

5. Se não houver nisso irregularidade, pedir aos Sacerdotes a sua bênção. Pedir licença para fazer a Sagrada Comunhão o maior número de vezes possível, sobretudo durante a convalescença.

6. *Paciência*. Evitar todo o sinal de impaciência e de mau humor. Exercitar-me à paciência, a pedi-la a Deus: Non mea voluntas sed tua fiat. Digna factis recifimus. Quid bor ad aeternitatis? Reagir contra a imaginação que então mais que nunca, aumenta todas as cousas. In patientia vestra possidebitis animas vestras. Mostrar-me o mais possível contente com tudo e com todos.

7. *Caridade*. Agradecer o mais amavelmente possível os mais pequenos serviços; fazer sempre boa cara às pessoas que me servem ou que me visitam, mas sem deixar de restringir o número das visitas em caso de maior fadiga; falar o menos possível do meu mal e, quando falar dele, não me mostrar impressionado por sua causa.

8. *Obediência*. Ver mais que nunca Jesus Cristo na Superiora, qualquer que ela seja, no médico, na enfermeira. Consultar quem de direito, antes de propor alguma coisa, antes de pedir alguma coisa extraordinária ou contra as prescrições da obediência. Não me considerar como liberto de toda a regra, sobretudo durante a convalescença, retomar, o mais depressa possível, os hábitos de toda a gente, a vida de comunidade.

Empenhar-me dum modo particular em conservar a ordem e o asseio em mim e em torno de mim.

**9. Mortificação.** No tempo da convalescença sobretudo, conservar-me em guarda contra as exigências da sensualidade e as desculpas da indolência. Fazer ou pedir algumas penitências compatíveis com o meu estado, para alcançar a graça de santificar a minha doença. *Panci ex infirmitate emendantur* (Imitação I.2314).

*Nota:* Não pretendemos que a ordem que temos observado, quer nas virtudes, quer nos graus das virtudes, deva ser a regra daquela que é preciso observar no exame particular; porque a verdadeira regra é que cada um escolha a virtude de que tem mais necessidade: que comece a exercitar-se pelo grau que lhe é mais preciso e que, depois de ter ganho esse ponto, se esforce por alcançar aquele que mais lhe convier até que chegue a possuí-la perfeitamente. (Rodrigues, tratado da perfeição cristã).

# CARACTERES

(Continuação)

## Tipos de caracteres

### Carácter franco ou aberto

A abertura de carácter não é a leviandade imprudente que comunica as suas impressões, os seus desejos, os seus pensamentos, a propósito e a despropósito de tudo e seja a quem for. Isso é um defeito muito grande que produz má impressão nos outros e que é muito prejudicial às pessoas em quem se nota. Não se deve, pois, confundir o carácter aberto ou franco com o carácter indiscreto. Há-de dizer-se tudo ao confessor e aos superiores, mas nem a todas as pessoas devemos dizer o que pensamos, embora também nunca devamos dizer aquilo que não pensamos. É preciso ter o carácter aberto para os superiores, mas ser discreta e prudente para com as outras pessoas. A abertura de carácter alia-se perfeitamente com a prudência que diz ou cala o que é preciso dizer ou calar segundo os tempos, as pessoas e as circunstâncias. O carácter franco que é o carácter oposto ao carácter fechado e que é muito bom é contrário a essa disposição para o mistério que faz que uma pessoa se meta dentro de si mesma, no segredo do seu pensamento, com as portas e as janelas fechadas. É quase impossível saber se ela está contente ou não, se ela se compraz e sente feliz no meio em que se encontra ou não.

Uma Noviça com este carácter deixaria dificilmente ver se está satisfeita na comunidade ou se está aborrecida; se uma coisa a contraria ou lhe é agradável, se ela tem amor à sua vocação, ou se está hesitante e perplexa. As pessoas que têm a missão de a conduzir sentem que à palavra que os seus lábios proferem corresponde um pensamento reservado. É uma situação falsa e penosa. O carácter aberto não tem destes rodeios. Vai directamente ao fim com uma encantadora franqueza. Com ele, é, é; não é, não é. Ele comunica a quem compete as suas alegrias e as suas mágoas, a sua paz ou a sua inquietação, os seus gostos ou as suas repugnâncias, as facilidades ou as dificuldades que encontra na vida Religiosa. E quando a autoridade lhe falou ouviu a voz de Deus. A pessoa que o possui, tem um grande passo dado no caminho da perfeição. É simples, humilde, e, como é sincera para com os Superiores, facilmente se corrige de qualquer defeito. É grande a tranquilidade que este carácter assegura à alma

de boa vontade. E é tão necessário que quem o não tiver por natureza tem de o adquirir por virtude.

### **Carácter indiscreto**

Este carácter é um dos mais prejudiciais à vida da comunidade. A pessoa que o possui procura com afã saber novidades e dá-se pressa em as comunicar e fazer circular, perdendo por isso a confiança de todos, superiores e companheiras. Apesar de não ser bom, o carácter fechado oferece menos inconvenientes, porque com boa vontade e o esforço generoso e persistente, em cooperação com a graça pode tornar-se aberto para com os superiores. A pessoa de carácter indiscreto é inclinada à murmuração, perde tempo, falta ao silêncio, peca contra a caridade e não tem nem deixa ter paz aos outros.

### **Carácter discreto**

É um carácter excelente para a saúde da comunidade. Quem é dotado deste carácter tem três defeitos aparentes que são verdadeiramente três óptimas qualidades: não vê, não ouve, e não fala. Ou, por outras palavras, é cego, surdo e mudo. É cego para ver os defeitos dos outros: não os vê. É surdo para ouvir murmurações: não as ouve. É mudo para criticar e proferir palavras desabridas e de mau humor: nunca as diz.

### **Carácter calmo**

Não se deve confundir o carácter calmo com o carácter mole. O carácter calmo é excelente. A pessoa calma nunca se perturba nem altera. Governa tudo pela razão e a sua razão está sempre sujeita à vontade de Deus e é por ela dirigida em todas as circunstâncias. O que ela pretende acima de tudo é que Nosso Senhor esteja contente. Se o está, também ela está. Ela sabe muito bem que tudo quanto lhe sucede, sucede porque Nosso Senhor o quer ou pelo menos o permite para sua santificação. Por isso não perde a paz, não se aflige, não desanima quando lhe sobrevêm contrariedades, desgostos, humilhações, calúnias, coisas contrárias aos seus gostos, à sua maneira de ver e de pensar. Sofre, sim, e às vezes muito, mas com resignação, sem se perturbar e sem sequer o dar a perceber ou pelo menos fazendo toda a diligência nesse sentido. Não quer dizer que se mostre e seja realmente indiferente a tudo o que lhe acontece, como fazem as pessoas que pertencem à confraria de “Nossa Senhora não te rales” segundo costuma



dizer o nosso povo, e que não se preocupam com coisa nenhuma, tanto se lhe dando que tudo corra para cima como que corra para baixo. Porque isso é mau. A pessoa calma, sente, sofre, mas, sabe dominar as suas impressões. Quando se torna necessário repreender ou castigar alguém que está sujeito à sua autoridade, fá-lo porque é essa a sua obrigação. E como não repreende nem castiga por paixão é sempre com a mesma calma que o faz.

### **Carácter infantil**

A criança tem, sem dúvida, qualidades amáveis: a candura, a simplicidade, a inocência que vemos nela comovem-nos e inspiram-nos um sentimento delicado por essa frágil criatura. Mas a criança tem também as imperfeições próprias da sua idade: é preciso que os outros se ocupem dela; ela não procura senão divertir-se; um nada torna-a feliz, um nada provoca os seus gritos, um nada faz correr as suas lágrimas. Neste momento, ela quer uma coisa, um instante depois quer outra. Às vezes é caprichosa, outras vezes é teimosa. Não raro amua, ou despeita-se quando lhe não fazem a vontade. É uma personagenzinha em certas ocasiões muito enfadonha e muito incómoda. É preciso que os pais, os mestres, os superiores a disciplinem, corrijam e metam na ordem.

É para desejar que as noviças sejam crianças pela calma, pela simplicidade, pela inocência; é necessário também que o não sejam pela mobilidade das ideias (ventoinhas, cataventos), pelos caprichos (burrinhos), pela necessidade de divertimentos, pelas contrariedades vãs, pela necessidade de atenção.

### **Carácter firme**

A vida religiosa precisa de encontrar a firmeza nas almas que querem pertencer-lhe. Que é ela, efectivamente, senão uma resolução de atravessar a vida e de chegar ao termo da viagem na fidelidade perfeita aos santos compromissos da profissão? Ora, para manter essa resolução, apesar da fraqueza da natureza, apesar das paixões, apesar das tentações exteriores e interiores, apesar das oposições que se levantam sobre a estrada para a obstruir e impedir a passagem, é preciso antes de tudo o auxílio da graça, mas é preciso também a energia da vontade, a firmeza do carácter; é preciso esse aço que, vergando-se às vezes às circunstâncias, não se quebra nunca quanto à obediência,

quanto à infidelidade à regra, porque recebeu a sua têmpera na água viva e profunda da fé!

Cumprir notar que esta disposição não é nem teimosia, nem obstinação. As teimosas, as obstinadas, agarrar-se-ão a uma ideia, a um projecto, porque elas tiveram essa ideia, porque elas formaram esse projecto: é orgulho. As firmes permanecem fiéis à sua palavra, às suas convicções, porque estas lhe foram ditadas pela razão e pela fé: é o esquecimento de si pelo dever.

### **Carácter generoso**

Que é um carácter generoso? Façamos algumas observações precisas que ajudem a compreendê-lo. Diz-se que uma pessoa é generosa quando, como se costuma dizer, abre facilmente os cordões à bolsa e dá muitas esmolas, auxílios, remunerações. Diz-se às vezes do vinho que ele é generoso, quando dá força e vigor aquele que o bebe, quando, deixando de ser o que era, se transforma em elemento de vida, quando aquece e activa o sangue.

Qualifica-se também de generoso o carácter que está sempre na disposição de dar com largueza. Não vos inquieteis com estas palavras, pensando a sós convosco: “como? dar?! que posso eu dar? Eu não tenho presentemente nem ouro nem prata, nem cinco reis para mandar cantar um cego; e no dia da minha profissão já não terei absolutamente nada de meu de que possa dispor livremente...

Tranquilizai-vos! Não é isso o que se vos pede; o que a generosidade de carácter exige não são os tesouros deste mundo, é o dom de si, a disposição de se consumir no trabalho, de suportar as fadigas, de pôr, como diz a Sagrada Escritura, a sua alma, isto é, a sua vida, na mão para a oferecer a Deus quando o seu serviço o reclama, de se mostrar complacente à custa dum incómodo mesmo grave, de prestar um bom serviço onde se foi dispensado de o prestar, de suportar muitas coisas penosas receando ao mesmo tempo fazer suportar aos outros o peso duma penugem.

Quem é que não vê a beleza e a dignidade da generosidade do carácter?

### **Carácter altivo**

Não empregamos a palavra altivez no sentido de elevação e de dignidade, mas no sentido de arrogância orgulhosa, dessa arrogância que faz dizer duma pessoa que ela é altiva.

Este defeito é raro nos noviciados e nas ordens e congregações religiosas; felizmente, porque é muito desagradável na vida comum. A pessoa em que ele se encontra toma ordinariamente uma atitude solene, um ar de importância. Ela fala sentenciosamente, dando a entender que cada uma das suas palavras deve ser recolhida como uma pérola de sabedoria e de bom senso. Tem nos lábios uma prega, um *riktus* que exprime a desdém; despreza quem quer que não pense ou não fale como ela; olha com dó aquelas que a não admiram; trata com ar desprezível as que não têm, talentos reais ou pretendidos.

Sobretudo que ninguém lhe pise o bico da bota ou a ponta do pé; que ninguém a contradiga: seria uma trovada de irritação que rebentaria logo. Não há outro remédio senão deixa-la pavonear-se nos sentimentos de alucinação que ela se oferece a si mesma durante todo o dia. Às vezes uma mão invisível abate a altivez e deita o cacho por terra.

Se a mais pequena aparência deste defeito se mostrasse numa noviça, seria preciso trabalhar cuidadosamente em extirpá-lo, porque se ela não estivesse senão comprimido sob a disciplina de preparação para os votos, levantaria depressa a cabeça depois da profissão.

### **Carácter inconstante**

No princípio da primavera, às vezes o tempo tem mudanças bruscas: pela manhã, o sol brilha; duas horas mais tarde, as nuvens obscurecem o firmamento; dali a pouco a chuva cai; depois é saraiva miúda, neve meio derretida; depois as nuvens rasgam-se, um pé de vento dispersa-as e o astro-rei, retomando os seus direitos, manda os seus raios enxugar as estradas e os caminhos e aquecer a terra dos campos para que as ervas cresçam e se desenvolvam. É esta a imagem do carácter inconstante, ou como se diz muitas vezes, desigual. É cheio de contradição. O que lhe desagradava ontem, agrada-lhe hoje. É a originalidade, o capricho constitui o fundo dele. Umas vezes admira e outras vezes critica e queixa-se, prefere sempre uma coisa diferente da que tem, outro emprego, outra casa, etc. Vede essa noviça, boa rapariga no fundo, mas

volúvel. Ei-la de rosto aberto e desanuviado, tudo lhe corre bem; passam algumas horas e ei-la sombria, taciturna, chorando ou antes choramingando, aborrecida; é preciso que o seu descontentamento se faça sentir a toda a gente, mesmo a Deus Nosso Senhor, porque nesse estado ela faz mal feitos os seus exercícios de piedade. Não seria para admirar que ela achasse e dissesse que a sua vocação já não lhe interessa... Ah! Mas tudo passou de repente como por encanto, o sol reaparece e ela ri-se do seu amuozito, do seu pequenino despeito.

Mas afinal de contas que tinha ela? Que lhe havia sucedido? Nada ou pelo menos nada de importância: parecia-lhe que não faziam caso dela; tinham-lhe feito uma observação, tinham-lhe dado uma pequena repreensão, um dos seus desejos tinha sido desatendido. Não tinha havido uma humilhação sequer tão grande como o argueiro, o grão de pó que pode entrar num olho e incomodá-lo. E foi por isso que ela se melindrou e deu largas ao seu amor-próprio, ao seu mau génio. Não é isto tudo bastante ridículo? Donde se conclui que é necessário combater em constância por meio da oração, por meio das resoluções, pelo esforço consciencioso e perseverante.

### **Caracter jovial**

A jovialidade é uma exageração do contentamento. O contentamento contido, a alegria modesta aliam-se bem com a vida religiosa: elas são recomendadas na Sagrada Escritura; regozijai-vos no Senhor, sempre. Não sucede o mesmo com a jovialidade que é uma disposição para rir, para se divertir, para gracejar a propósito de tudo. Ela parece dizer que a vida não é tão má como parece quando se sabe viver. Ela esquece, pelo menos momentaneamente, que há em volta de si muitas dores, muitos sofrimentos e leva os outros a dizer que aquela pessoa que a tem é uma excelente criatura que não se incomoda com coisa alguma, que só se preocupa com o seu bem estar, que só cuida de comer bem de dormir bem e de se divertir.

Esta disposição seria muito inconveniente na vida religiosa, cuja seriedade e gravidade parece desconhecer. Ela leva à dissipação; da necessidade de rir e gracejar à familiaridade, não há senão um passo, e a familiaridade, sobretudo com o mundo, é funesta ao que há de mais delicado nos votos.

Se uma pessoa deste carácter tivesse entrado no noviciado impondo-se um constrangimento passageiro, ou se corrigiria depressa se tivesse sã interior ou sentiria que deve retirar-se dum caminho que não é o seu.

### **Carácter quístico ou quistoso**

Carácter de quistos ou quístico ou quistoso. Eis um título um pouco estranho, um pouco esquisito. Compreendê-lo-á quem recebeu durante os seus estudos algumas noções de história natural de zoologia.

O quisto é uma membrana que se desenvolve em forma de excrescência sobre um gânglio; sobre um músculo e que contém tumores que não convém ao organismo; às vezes uma pequena calosidade em forma de bola que se incrusta na carne esse entranha até ao periosteo. Encontram-se na cabeça, nas mãos, no peito; há-os às vezes nos órgãos interiores. Sem serem perigosos são incómodos e chega um momento em que é preciso extirpá-los, extraí-los.

Há também quistos de ordem moral, excrescências que estão cheias de tumores completamente estranhos à vida espiritual e sobretudo à vida religiosa. Certos caracteres apresentam grande número deles: uns estão na cabeça em forma de asperezas que não querem que se lhes toque; dali o carácter difícil; não é liso, é rugoso. Há-os às vezes na palma das mãos: e o trabalho custa e faz-se lentamente e não se faz bem feito.

Se a excrescência está no interior, ela determina anomalias de génio, ela torna uma pessoa caturra. E tudo isto é incómodo numa vida de noviciado.

Nós bem vemos que é necessário extrair os quistos. Mãos à obra.

### **Carácter apático (indolente)**

Carácter apático ou preguiçoso: ao falarmos do temperamento linfático diríamos que as pessoas em que ele se encontra não tinham muita actividade no trabalho: a falta de energia física é a causa de que os movimentos sejam lentos, como se houvesse um peso nos pés e na ponta dos dedos das mãos. E esta lentidão está na própria alma, no pensamento, na vontade. Tudo definha na vida espiritual, no trabalho de correcção dos defeitos ou de aquisição das virtudes: o carácter indolente arrasta-se em vez de caminhar. Manifesta-se nele um fundo de tristeza muito pronunciada: tristeza ocasionada por esse frio que entorpece o organismo; tristeza à vista do esforço que se

deveria empregar e que se não tem a coragem de empregar; tristeza à vista dos outros que seguem alegres o seu caminho, enquanto se dá com hesitação um passo após outro. Esse defeito torna uma pessoa pouco sociável; na vida de comunidade, incomoda as boas vontades como num exército os retardatários incomodam a marcha dos soldados que querem chegar à etapa ou ao campo de batalha.

Uma noviça em que se encontrasse esta espécie de carácter deveria reagir contra as suas tendências e dizer-lhes: vós sois as inimigas da minha vida religiosa, eu estou resolvida a despedir-vos.

### **Carácter brusco**

Já falamos do carácter brusco, sacudido, áspero, espinhoso, carácter que se poderia chamar com toda a razão carácter à ouriço-cacheiro. Mas nunca é demais procurar pô-lo uma e muitas vezes diante dos olhos das noviças para que elas o detestem e o corrijam em si se o tiverem, e não o adquiram, pois é um dos mais opostos à caridade fraterna e um dos que mais fazem sofrer na vida de comunidade. Que coisa tão triste, efectivamente numa casa religiosa o carácter brusco. A pessoa que tem essa disposição, esse carácter, deixa-a ver a todo o instante: ela o alimenta e mantém no seu pensamento e isso lhe produz pregas e rugas muito feias na testa, que fica quase tão engelhada como a de uma velha decrépita e rabugenta que ninguém pode aturar, e isso lhe põe também nos olhos estranhos e sinistros clarões, que fazem supor que ela se tornou uma doida furiosa ou uma fera raivosa. Dirigem-lhe a palavra com doçura: responde com um tom arrogante. Pedem-lhe um pequeno serviço: não dispõe de tempo para o prestar; oferecem-se para lhe fazer um obséquio: não o quer, não precisa dele, não o aceita. Ela não tem atenções e consideração por ninguém: não o tem pela idade, não o tem pela autoridade. Muitas vezes este defeito quase que não se percebe durante o tempo do noviciado: há apenas pequenas escapadelas de mau génio, mas depois de um, dois ou três anos de profissão, o mau fundo revela-se. E se a Religiosa não compreende o mal que faz a si mesma, o desgosto que causa a Nosso Senhor, ela caminha por uma via perigosa, onde dolorosas surpresas a esperam, no dia em que se tratar da sua admissão aos votos perpétuos e em muitas outras circunstâncias.

Vigiem as pequenas manifestações de mau humor, condenemo-las, rejeitemo-las, com o receio de que elas se tornem um defeito muito prejudicial.

### **Carácter nobre**

Há uma nobreza de sangue; essa nobreza pertence às pessoas que possuem um título nobiliárquico. E há uma nobreza de carácter: essa encontra-se em pessoas de todas as condições; ricos ou pobres, sábios ou ignorantes, felizes ou infelizes podem tê-lo em partilha. Ela não é nem altivez nem arrogância, mas acompanhada de simplicidade e de humildade; ela segue sem se desviar do seu caminho, o caminho da verdade, da justiça, da probidade, da coragem. Incapaz de mentira, de dobrez, de dissimulação, isto é, de ser uma coisa e parecer outra, ela é sincera consigo mesma, com o próximo, com Aquele que lê nos corações. Ela não se procura em pequenas astúcias, em mesquinhas susceptibilidades. Ela não é por trás diferente do que é na aparência: as suas palavras e as suas acções são sempre a expressão do seu pensamento. Ela é bem-educada, cortês e delicada, mas ela ignora o servilismo, a lisonja e todas as formas de cerimónia exagerada ou afectada.

Quem não havia de estimar essa nobreza? Quem a não havia de querer para si? Se ela está no seu lugar em todas as classes da sociedade, onde poderia estar mais bem colocada do que na vida religiosa? Quando Nosso Senhor eleva a uma tão grande dignidade, na ordem sobrenatural, a sua frágil criatura, como não havia ela de ver a necessidade de possuir no mais alto grau esses sentimentos que acabamos de elogiar? Os santos foram todos pessoas de honra, de nobreza de carácter, incapazes de atraiçoar o seu dever, mesmo sob as ameaças de morte. É aqui o lugar, é aqui a ocasião de examinar se temos e se estimamos este espírito dos verdadeiros filhos de Deus.

### **Carácter pousado (grave, sério, assente)**

“Ela está no ar, ela é uma borboleta”; ouvem-se frequentemente estas reflexões no mundo. Tais reflexões assinalam a maneira de ser e de proceder duma pessoa que vai, vem, apressa-se, agita-se, fala, volta a cabeça para um lado e para o outro, sem reflexão. Não se sabe onde ela está: não pousa sobre a terra; viaja em imaginação, senão em espírito, pelos ares. A borboleta é uma coisa agradável à vista, mas pouco útil. Voa ao acaso, sem saber aonde vai; visita as flores na sua passagem; pousa nelas e torna a voar; que fez ela? Tomou talvez um pouco de suco para se alimentar ou nada. Não é assim a abelha diligente. Ela parte da sua habitação que está toda em ordem; no cálix

das flores, umas vezes colhe a gota de mel, outras vezes extrai a cera e, carregada, volta para o cortiço, deixa a sua carga e volta de novo à sua prestimosa tarefa.

Assim faz a pessoa pousada; o dever é a sua lei, a ordem é o seu regime; actua sem perturbação, diligente sem pressa nem precipitação, ela sabe aonde voa, ela sabe o que procura. No trabalho exterior como na vida espiritual, o seu pensamento está tranquilo: tudo o que ela tinha a fazer acha-se feito no tempo e lugar marcados. Ela colocou o seu dia no tesouro da eternidade.

Dizei: eu não quero ser borboleta volúvel, mas abelha diligente.

### **Carácter perguntador**

Se, num livro, houvesse uma página em que todas as frases tivessem um ponto de interrogação, essa passagem pareceria muito enfadonha para a leitura. Ora, há pessoas que são como que um contínuo ponto de interrogação. São caracteres perguntadores. Que é que está a fazer? Que é que pensa? De que serviço a encarregaram? Que se vai fazer? Que decisão, que medida vai tomar a autoridade? Etc...

Vem um novo membro para a comunidade, logo o questionário: quem é, donde vem? Quantos anos têm? Que fazia antes de vir? Onde estava? Como se dava por lá? Porque é que veio? Demora-se cá muito tempo? Fica de todo? Onde gostava mais de estar? etc., etc.

As coisas de fora são também o objecto das perguntas: que se passa na família daquela irmã? Que foi esta irmã fazer a Lisboa? Porque foi que a superiora saiu hoje? Porque se demorou ela tanto tempo lá por fora? Que é que se diz, que é que se passa, nesta ou naquela casa da Obra ou doutro Instituto?

Numa palavra, a pessoa de carácter perguntador parece julgar que cometeria uma falta se não se informasse de todas as notícias do Instituto a que pertence e da terra ou da região em que vive.

Esta disposição fatigante, incómoda, enfadonha para aqueles que são obrigados a sofrê-la, procede evidentemente da curiosidade do espírito, isto é, da tendência que a pessoa tem para se ocupar daquilo que não lhe diz respeito. Com o espírito curioso e o carácter perguntador, há pouca reflexão, pouco recolhimento, não há verdadeira oração mental, mas muitas vezes uma densa nuvem de poeira, uma forte inclinação para a



murmuração interior e exterior, uma fraca união a Nosso Senhor. É um caracter mau para a vida religiosa.

### **Carácter reservado**

A reserva do carácter não é a disposição que uma pessoa tem de esconder, encerrar o seu pensamento dentro de si, para viver numa espécie de mistério. Não é tão pouco a taciturnidade que suspende, que detêm as palavras antes que elas cheguem aos lábios. Não é a timidez que mal ousa pronunciar algumas sílabas. Todas estas coisas são defeitos: a reserva é uma qualidade e até uma grande qualidade; é uma forma da virtude da prudência.

A noviça que a recebeu em partilha sabe o que deve dizer só a Deus, por exemplo as pequenas contrariedades fáceis de suportar; o que deve confiar aos seus superiores ou ao seu confessor, não a outras pessoas, como as suas provações, as suas tentações, os seus temores, os seus sofrimentos; o que pode dizer às suas companheiras, como as cousas do ordinário da vida.

Sabe escolher o momento e a maneira de dizer o que tem a dizer. Quando os outros falam não tem pressa de dizer o que tem a dizer. Onde são precisas três palavras, não gasta vinte. Diante das pessoas mais idosas do que ela, não a ouvem tomar um tom decisivo. Tornada religiosa, nunca no meio do mundo lhe escapará uma palavra indecorosa para a sua vocação religiosa. Nunca ela se deixará surpreender e embaraçar com as perguntas indiscretas que lhe dirigirem. Não terá de lamentar ter falado demais e poderá felicitar-se de ter guardado o silêncio quando era preciso guardá-lo. Uma religiosa com este carácter é sempre estimada.

### **Carácter tenaz**

A tenacidade de carácter, esta palavra por si mesma não indica nem uma qualidade nem um defeito. Há uma tenacidade boa e uma tenacidade má, segundo o objecto para o qual se emprega. Quando, tendo empreendido corrigir um defeito, se persegue, se combate esse defeito obstinadamente, durante semanas, durante meses, sem lhe conceder nem tréguas nem quartel, mostra-se tenacidade, mas uma tenacidade muito louvável.

Uma religiosa, suponhamos, de guarda a um doente, está muito fatigada; encontra pouco auxílio em volta de si; todavia o caso da doença que ela trata é muito grave, são precisos cuidados para conjurar o perigo; a situação complica-se com uma conversão a obter; apesar do cansaço, a enfermeira esforça-se por se manter no seu posto. A sua coragem recebe uma dupla recompensa, a cura do doente e a sua conversão: houve nisso uma tenacidade muito louvável. Durante dez anos, durante vinte anos, uma religiosa interessa-se com as suas orações por uma alma que quer conduzir a Deus: o Céu por fim deixar-se-á merecer por esta tenacidade da vontade, e uma graça vitoriosa triunfará duma antiga obstinação no mal; esta é ainda tenacidade boa.

Mas manter para com todos e contra todos uma ideia porque se manifestou essa ideia, e isso apesar de se ter depois reconhecido a sua falsidade; ou então, numa coisa que se deseja, depois de ter sido recusada, voltar duas, três vezes à carga, é uma tenacidade mal posta. Cultivemos a boa tenacidade, evitemos a má.

### **Carácter uniforme**

Já falamos da inconstância do carácter, desse capricho, desse defeito esquisito que a Sagrada Escritura estigmatizou com estas palavras severas: o insensato muda como a lua: o astro das noites não tem nunca aos nossos olhos a mesma forma; ei-lo reduzido a uma delgada franja; amanhã à tarde a franja estará mais larga; dentro de poucos dias será metade dum disco; o corpo desse semi-disco engrossará nos dias seguintes, do lado do oriente, até que tenha chegado a formar uma perfeita circunferência, e logo depois o astro se tornará a dividir em quartos. Que o céu preserve as comunidades, os noviciados dos caracteres lunáticos. Não há quem não compreenda bem o sentido desta expressão: hoje está com a lua.

A uniformidade de carácter é tão boa! Entende-se por isto a uniformidade das boas disposições, sempre a mesma tranquilidade, a mesma doçura, a mesma amabilidade, a mesma pacífica actividade, a mesma ordem em todas as coisas, é esse o traço fundamental do carácter uniforme. Ele não se cansa das suas ocupações ou da sua situação; não experimenta, não sente a necessidade de mudar dumas ou doutras, não se cansa com provações inseparáveis da vida da terra: como é preciso levar a cruz, diz ele, tanto importa levar esta como outra, tanto importa sofrer aqui como noutra parte. E com esta palavra de fé, a alegria vence a tribulação, sobe acima dela, como o azeite acima dos outros líquidos.

Há na uniformidade de carácter, sabedoria para quem o possua, encanto para os outros.

### **Carácter vaidoso**

A palavra vaidade designa em primeiro lugar uma coisa de nada, uma bagatela, uma ninharia, foi nesse sentido que o Sábio disse do mundo: vaidade das vaidades, e tudo é vaidade. Aplicou-se em seguida este termo a isso e à falta daqueles que, afeiçoando-se a esses nadas, se gloriam deles e parecem convidar os outros a admirá-los por esse nada. Uma pessoa terá vaidade em se apresentar duma certa maneira, em caminhar com elegância, em dar ao vestuário um certo jeito; tê-la-á numa madeixa de cabelos, numa expressão de sorte que ela julga belo e que sofrerá tanto mais depressa o ultraje dos anos quanto é mais delicada. Ela julga ter olhos bonitos, já lhe disseram isso, até já a felicitaram por isso, talvez troçando dela, e ela, coitada, acreditou que era verdade. Adopta quando fala um tom afectado, às vezes até de ridícula preciosa, ou então diz graças para lhe acharem graça, para que digam que ela tem verve, que ela sabe fazer espírito, e, se respigou aqui e acolá algumas palavras científicas, empregá-las-á a torto e a direito para dar a impressão de que sabe falar difícil, de que é inteligente, ilustrada, culta, e isto com o risco de dizer, sem o saber, coisas esquisitas, estapafúrdias e as mais disparatadas. A sua maneira de se exprimir faz lembrar aquela história dum cidadão que foi consultar um Advogado e começou por expor o seu caso nestes termos: “Sapientíssimo Doutor, ambiciono milésimas coisas urgentes, mas transmigrarei às primórdias. Posso uma casa na ilha do Pico, e desejo fazer um passadiço cúbico para outra que tenho no Báltico, mas entre uma e outra há tarrafícios de diferentes árbitros e temo que alguma túnica impávida se venha a opor ao meu direito intrínseco”.

Perceberam alguma coisa? Uma religiosa, uma noviça podem ter muita vaidade? Quem no-lo diria? Não pensam elas nunca? Não são nunca afectadas na sua atitude e no seu andar? Não deitam nunca uma olhadela para a vidraça que faz de espelho e isto por vaidade? Não fazem elas uma boa cara e um gracioso sorriso a uma peça de roupa de pano fino, a um chapéu à moda, a uma mantilha de melhor qualidade, a umas meias caras, a uns sapatos mais jeitosos, de salto mais alto, de feitio mais bem feito, a uma coberta de pano menos grosseira, a uma mala de mão mais elegante, a uma sombrinha mais delicada, a umas luvas mais macias, etc, etc, e pelo contrário não fazem nunca uma

carantonha, uma careta ou pelo menos uma cara feia e triste a uma peça de roupa grosseira, a um chapéu um pouco fora de moda, a uma mantilha ordinária, a umas meias baratas, a uns sapatos mal feitos, a uma coberta de cama de riscado, a uma mala de mão velha, feia ou muito usada, a uma sombrinha remendada ou desbotada, a umas luvas grossas ou que não ajustam bem às mãos, etc. etc.

Deixemos a quem de direito a resposta a estas perguntas relativas à vaidade. Poder-se-iam formular muitas outras. Mas estas bastam.

### **Carácter X (incógnita)**

Nas matemáticas, X representa uma quantidade desconhecida que se procura descobrir resolvendo o problema. Ora há caracteres X. É franco ou um pouco dissimulado? É simples ou complexo? Há nele timidez real ou aparente? Há verdadeiro desejo de vida religiosa ou desejo ineficaz? O pensamento está fixo ou permanece hesitante? E que será no futuro? As asperezas do carácter terão desaparecido para sempre? Ou reaparecerão, passado o noviciado, como essas plantas ruins de que o chão basta para reproduzir a haste obstinada em viver entre a boa semente? Haverá generosidade ou egoísmo? Entusiasmo pelo bem ou preguiça? Haverá fidelidade firme ou atitude vacilante? São outros tantos X, são verdadeiras incógnitas a achar, são problemas a resolver.

Quem não havia de ter horror ao carácter X? É um carácter que inspira àqueles que deve viver junto dele exactamente a mesma impressão que a tibieza a Deus; não é quente nem frio; é morno: que fazer senão rejeitá-lo.

### **Carácter apagado ou prestimoso**

Há noviças que podem ir e vão efectivamente a toda a parte onde a obediência as manda ir prestar este ou aquele serviço, dar este ou aquele recado, que não se intimidam nem hesitam a um sinal da sua Superiora, sejam ela qual for, fazendo tudo de boa vontade, de cara alegre, com sensatez, com perfeição, sempre com os olhos em Deus e na sua glória, que sabem consolar os aflitos, tomar parte na alegria dos que se sentem felizes, animar os fracos, confortar os pusilânimes, ensinar os que erram, que sabem tratar todas as doenças, que sabem coser, cozinhar, lavar, esfregar, passar a ferro, varrer, ornamentar um altar. E fazem tudo com simplicidade, como a coisa mais natural do

mundo, sem dar nas vistas, sem atrair as atenções, imperceptíveis, apagadas na vida comum e são muito úteis, muito prestimosas, fazem muitas coisas, prestam muitos serviços à Comunidade.

### **Carácter Zeloso**

O zelo é o ardor da vontade e da acção no que se faz ou no que se quer fazer. Provem da disposição do temperamento, do vigor do carácter, e do interesse que se tem por uma obra. Aquele que dizia: Senhor, o zelo da vossa casa me devora, revelava, falando assim, o desejo vivíssimo que tinha de oferecer a Deus um templo que mostrasse a sua religião para com a majestade divina.

Há, no zelo, pensamento, vontade, paixão; e quando estas três potências são aplicadas ao bem, fazem grandes coisas. É para desejar que o espírito de zelo exista nas Religiosas e nas noviças. Para nos limitarmos, mostremos o zelo onde a Regra do nosso Instituto o recomenda. O fim que uma alma se propõe entrada nesta Congregação é não só trabalhar com grande zelo na sua própria santificação, mas ainda trabalhar para a santificado e salvação do próximo dedicando-se generosamente à Reparação como vítima imolada em união com a Vítima Divina ou diferentes obras activas e dum modo geral às modalidades da acção católica na sujeição plena e total à Hierarquia. Com o verdadeiro desejo, isto é, com o zelo da santidade, da aquisição das virtudes, uma alma guiada pelo Espírito Santo, que se enamora dos exemplos de Nosso Senhor, fará cada dia grandes progressos na perfeição; e uma religiosa fatimita que tem o zelo da glória de Deus e da salvação das almas, quer se entregue á contemplação, quer se ocupe de obras activas, alcançará com o auxílio e a benção do Céu, e muitas vezes sem o saber, prodígios de conversões.

Mas importa frisar bem que quanto mais ardente é o zelo, tanto mais cuidadosamente disciplinado ele deve ser e sujeito em tudo à regra e a vontade dos Superiores. O zelo que não é guiado pela ciência, isto é, pela razão e pela fé, poderia lançar o imprudente no escolho em vez de o conduzir ao porto. Uma noviça deve pois pensar que ela quer ser zelosa, mas ainda mais que ela quer ser perfeitamente dócil e obediente.

### **Carácter egoísta**

É um carácter que tudo dirige para si, que governa as suas comodidades que é exigente. Que terá horror aos empregos mais penosos, que se adjudica o que é mais fácil em tudo.

### **Carácter distraído**

É um carácter que não se entrega nunca completamente ao seu dever, que se deixa arrebatado pelos devaneios da sua imaginação e pratica muito superficialmente os seus exercícios de piedade.

### **Carácter superficial**

É um carácter que não tem um fundo sério de piedade que se contenta com as práticas exteriores e se deixa arrebatado pela menor tentação.

### **Carácter escrupuloso**

É um carácter que tem uma maneira falsa, estreita de apreciar todas as coisas, que se obstina em voltar sem cessar e sem razão às suas confissões passadas e se entrega a inquietações que paralisam toda a sua vida religiosa, vivendo uma vida de contínua desobediência a quem dirige a sua alma.

### **Carácter melancólico**

Este carácter que é pesado à pessoa que o possui e a todos quantos se aproximam dela, desanima à menor dificuldade. Com razão se disse: carácter triste, triste carácter. É um carácter que sofre e faz sofrer como qualquer outro mau carácter.

### **Exortação**

Nós queremos conhecer os caracteres e corrigir os seus defeitos, porque teremos alcançar a perfeição religiosa a que somos chamadas por uma graça especial do Senhor. Ora, para adquirir a perfeição, é muito útil empregar o meio de que se servia S. Bernardo para aumentar o seu fervor: tinha sempre no coração, e muitas vezes na boca esta pergunta; que dirigia a si mesmo: “Bernardo porque vieste à Religião?” que as religiosas de si para si: eu não vim ao convento para fazer a minha vontade, mas para fazer, a vontade de Deus, obedecendo aos meus superiores e à minha regra, e é o que eu

quero fazer a todo o custo. Não vim para ter as minhas comodidades e viver nas riquezas, mas para praticar a pobreza em conformidade com a Regra.

Eu hei-de amar a Deus e o próximo e praticar a caridade para com todas as minhas Irmãs, persuadida de que onde a união não existe, Deus não se encontra e que uma tal casa religiosa é um inferno.

Aplicar-me-ei com todo o fervor possível a todos os meus exercícios de piedade, feliz por encontrar neles um meio de me entreter com Deus Nosso Senhor, enquanto espero a felicidade eterna.

Esforçar-me-ei por adquirir todas as virtudes que convém a uma santa Religiosa e tenderei o mais possível para a perfeição.

Sim, eu quero que a regra seja verdadeiramente a minha Regra; é para ela que eu me voltarei sempre, porque é a expressão da vontade de Deus e Deus tem bênçãos especiais para as Religiosas que a observam.

### **Considerações sobre o Carácter**

Diz uma revista ascética que é bem certo que em Comunidade, um dos grandes obstáculos ao progresso espiritual, como à paz e união dos corações, está nos caracteres ainda não dominados e transfigurados pela graça e pelos esforços pessoais. Mas a religiosa não deve prender-se com o seu carácter, qualquer que ele seja, para se desculpar das suas faltas e dos seus atrasos no caminho da perfeição. Trata-se de tomar o carácter pelo lado bom para tirar dele o melhor partido possível: uma pessoa reforma-se sempre quando quer.

Santo Afonso de Ligório disse: *“O nosso coração é um jardim em que nascem sem cessar ervas ruins e daninhas; é preciso, pois, ter continuamente na mão a enxada ou o sacho da mortificação para as arrancar e deitar fora; aliás a nossa alma não será em breve senão uma moita de silvas”*.

E Santo Afonso cita Santo Inácio de Loyola, que dizia que entre as pessoas de oração mental há poucas que se santificam, porque há poucas que se aplicam a vencer-se a si mesmas. Eis as suas palavras referidas por Santo Afonso: *“Sobre cem pessoas de oração mental, mais de noventa são apegadas ao seu modo de pensar e ao seu querer (sont à leur têtes)”*.

Por isso ele preferia um acto de mortificação da vontade própria a muitas horas de oração mental cheias de consolações espirituais.

Não se trata portanto de seguir despreocupadamente o fio das próprias inclinações; mas é necessário tomarmos resolutamente a direcção da nossa vida e mergulharmo-nos no esforço metódico de poderosos caracteres. É trabalhando assim que nos tornamos verdadeiramente almas normais e mesmo santas, porque cada qual traz em si a raiz dum santo e também a dum bandido.

### **Os diferentes caracteres**

Não é necessário observar durante muito tempo as pessoas para descobrir até que ponto, apesar da semelhança da natureza, elas diferem entre si. As notas diferenciais são visíveis no físico; mas são ainda mais frisantes no moral. Este tem aspirações elevadas, instintos nobres e desinteressados, dedicação, maneiras delicadas. Aquele, pelo contrário, manifesta tendências vis, apetites grosseiros; é egoísta e tem falta de consciência.

Um produz uma impressão agradável; agrada pelas maneiras afáveis; é amável, manso, expansivo e digno ao mesmo tempo.

Outro é áspero e desagradável; nele tudo magoa; é triste, melancólico, duro, uma verdadeira sarça de espinhos que por todos os lados pica e fere.

O que dá importância a estes sinais exteriores é que elas são a fiel expressão do interior. A fisionomia é o retrato da alma, o seu reflexo permanente na carne que ela habita e que ela vivifica. Por meio dela nós traímos-nos sem querer e a nossa vida segue-nos por toda a parte como uma honra ou um opróbrio. Há muito tempo que o Espírito de Deus tinha dito na Sagrada Escritura: *“Pela sua aparência, se conhece um homem”*. Quase sempre aqueles que se lamentam, não deviam queixar-se senão de si mesmos. Cada qual, com efeito, é o artista da sua vida; e a nossa vida deriva do interior, dos nossos sentimentos, da nossa vontade, da nossa consciência. Com igualdade de talentos, de fortuna, de situação, um é mal sucedido, outro tem sorte, por causa do carácter: é incontestável que o carácter desempenha um papel capital na vida.



### **O bom carácter**

Vede o bom carácter, amável, afável, condescendente, manso, atencioso, impondo-se a si mesmo a lei de não ofender, de não ferir, de não magoar ninguém voluntariamente e de dar gosto a todos. Mediante longos combates e esforços perseverantes, as tendências más da natureza foram enfraquecidas e foi dada a preponderância às inclinações nobres. A pessoa que possui um bom carácter tem razão para se regozijar, porque ela primeiro que ninguém, colherá as felizes consequências disso: os pensamentos benévolos, os sentimentos de caridade, antes de se exprimirem em palavras e em atitudes e maneiras afáveis, são para ela uma potência inefável no coração. Essa pessoa compra-se na sua própria companhia e não tem necessidade de sair de si mesma para encontrar o prazer. Os raios da alegria antes de se reflectirem no seu rosto e de iluminarem os outros, alumiam primeiro o seu coração donde jorra. O contentamento clarifica o coração, o enfado enevoa-o, escurece-o.

Como segunda consequência, o mundo lhe sorrirá e achar-se-á feliz na sua amável companhia.

Isto não quer dizer que o bom carácter já não encontra lobos que invoquem a lei do mais forte; os mártires de todos os tempos são provas evidentes disso. Mas, com vontade ou sem ela, o bom carácter será amado, estimado e agradecer-lhe-ão que não se apresente como inimigo de que seja preciso a toda a gente defender-se.

Com o bom carácter e os princípios da nossa santa religião, saber-se-á suportar as penas da vida, venham donde vierem, pouco importando que venham dum lado ou doutro, e elas tornar-se-ão uma fonte de méritos imensos para o céu.

Além disso, Jesus prometeu aos mansos que eles possuirão a terra. Efectivamente, não vão todos, por uma inclinação natural, ao encontro das almas extremamente bondosas? Qualquer pessoa sabe que não será repelida, que não se ferirá em arestas muito vivas, que estará à vontade, que poderá abrir o seu coração, contar as suas mágoas, desembaraçar-se do peso dos seus desgostos, que os serviços pedidos serão prestados.

O bom carácter não compromete nada. Sabe calar-se nas horas más e reserva-se para o momento propício, em que as soluções precisas se oferecem por si mesmas, por uma intervenção maravilhosa da Divina Providência a quem sabe esperar.

Para obter semelhantes resultados, é absolutamente necessário exercitar e alimentar pensamentos de fé. Com efeito, se se encaram as criaturas e os acontecimentos sob o ponto de vista puramente humano, bem depressa se será dominado pela emoção e se cairá facilmente no descontentamento e no desânimo, na cólera, na vingança.

Sim, deve-se reconhecer que se se está ferido, é porque se é demasiado sensível, excessivamente orgulhoso, não bastante virtuoso.

A doçura é a filha da humildade, como o génio altivo e imperioso, o génio áspero, brusco e carrancudo, a impaciência, etc., provêm do orgulho.

Como é que Jesus que recomendou com tão vivo empenho a humildade, a doçura, poderia reconhecer por uma das suas esposas uma religiosa que não praticasse essa virtude essencial?

Como é que essa religiosa poderia exigir bondade da parte das suas irmãs, se ela própria não reprime os arrebatamentos do seu mau génio? Com que direito pretenderia ela que a suportassem, se ela não quer suportar nada?

Pelo contrário, que delícias viver com pessoas mansas, amáveis, atenciosas que são sobre a terra o que os Anjos e os Santos, são no Céu!

### **O mau carácter**

Pelo contrário, o mau carácter sofre e faz sofrer. Nota-se como as situações se complicam ou se resolvem segundo o carácter daqueles que governam. Uma população, calma e tranquila sob a autoridade dum homem de tacto, de senso, perturba-se, divide-se, entra em revolução, quando é entregue a um chefe desastrado, exigente, indiscreto, que mortifica com as suas palavras, dissimulado e desconfiado nas suas maneiras.

Onde quer que ele passa, o mau carácter é mal sucedido e, em vez de se acusar a si mesmo, atribui os seus êxitos infelizes a todos aqueles que têm a desgraça de viver com ele. Gaba-se de não ser lisonjeiro e de ter a coragem de repreender seja quem for. Supõe que possui os corações, mas não domina senão pelo terror que inspira e não tarda a notar que a sua influência não era senão exterior e não se sustentava senão pela violência. Decerto, não era senão ter as pessoas na mão fazê-las vergar sob um jugo de que elas têm pressa de se desembaraçarem. Que responsabilidade não assume o mau carácter! Porque eis almas que ele deveria governar e torna-as infelizes consigo!

### **A formação do carácter**

Trata-se, portanto, de não abandonar a alma aos instintos da natureza e aos caprichos das circunstâncias. Esta esperança de nos conquistarmos não é ilusória porque tantos outros a realizaram. O Senhor dizia a Caím “A concupiscência que está em ti, que te impele para o mal, estará na tua mão, se quiseres, e tu a dominarás”.<sup>1</sup>

Mas, deve-se notar que, no carácter, há duas partes: aquela que pertence à *natureza* e aquela que compete à *pessoa moral*.

1º. Sobre a parte da *natureza* quase que não se tem poder algum: o que se é por temperamento fica-se sendo sempre. Se se é como um ramo de vime, dever-se-á tratar como se trata o vime. Por outras palavras, quem é sanguíneo, continuará a ser sanguíneo, quem é nervoso, continuará a ser nervoso, quem é irascível continuara a ser irascível, quem é melancólico, continuará a ser melancólico. Mas qualquer que seja o seu fundo natural, ninguém se deve inquietar; porque não há terreno tão ingrato, tão sáfaro, donde não se possa tirar, por meio duma hábil cultura, uma colheita vantajosa e compensadora.

2º. Quanto à parte da *pessoa moral*, a vontade tem pleno poder e por isso ela deve esforçar-se por adquirir:

- 1 A rectidão de consciência;
- 2 A força de vontade;
- 3 A bondade do coração;
- 4 A dignidade do porte, da atitude, da conduta.

---

<sup>1</sup> Cf. Gen, 4,7.

# OS DIFERENTES TEMPERAMENTOS

## A sua influência sobre o carácter

Todos os autores ligam uma importância extrema ao estado do temperamento: com efeito, está bem constatado que cada qual sofre a influência do seu temperamento, quer se trate do predomínio do sangue, dos nervos, da fleuma ou da bÍlis negra.

Ninguém se deve afligir por causa do seu temperamento; de nada serviria uma pessoa gemer sobre aquilo que é; é preciso que se aplique a tornar-se aquilo que deve ser e pode-se sê-lo com a graça de Deus, que é sempre concedida às almas de boa vontade. Em cada temperamento há vantagens que é necessário desenvolver e defeitos que é necessário corrigir.

Que sucederia numa casa religiosa, como em qualquer outra sociedade, em que cada religiosa seguisse o seu temperamento?

A *bÍliosa* estaria sempre zangada; a *fleumática* seria sempre incapaz do menor esforço; a *sanguÍnea* não faria senão rir e divertir-se; a *melancólica* levaria por toda a parte o seu génio sombrio e desconfiado.

Cumprе acrescentar que na realidade não se encontra nenhum tipo exclusivo, nem puro sanguÍneo, nem puro nervoso, por exemplo. Por isso, pode suceder que ninguém se reconheça absolutamente, nos retratos que dão os naturalistas e que cada qual tenha de tornar nos diferentes quadros os traços que lhe pertencem.

### 1 - Temperamento sanguÍneo

O temperamento sanguÍneo é constituído pelo predomínio de sangue, que dá uma superabundância de vida. O sangue circula com rapidez em todo o organismo, espalhando a vivacidade e o bem-estar.

#### 1º *Inconvenientes deste temperamento*

Em geral, o sanguÍneo é superficial e inconstante.

A sua imaginação, um pouco vagabunda gosta de formar sonhos encantadores, que desaparecerão em breve, para cederem o lugar a outros que bem depressa terão a mesma sorte. No sanguÍneo, a imaginação é muitas e muitas vezes a doida da casa. A

sensibilidade é viva, mesmo aguda mas sem consistência, e o sanguíneo passa, num instante do riso às lágrimas, da alegria delirante à tristeza negra.

É muito sensível à provação e sofre com as menores indelicadezas; mas a impressão dolorosa depressa se acaba e ele esquece facilmente.

Muito impressionável, prende-se de boa vontade às afeições que encontra e entrega-se a elas mesmo apaixonadamente; mas a sua afeição muda facilmente de objecto e é sobretudo para o sanguíneo que vale o provérbio: longe dos olhos, longe do coração.

O seu espírito é brilhante, apreende depressa mas não aprofunda e fica à superfície; recua perante o esforço, quando se trata de se entregar a estudos sérios; por isso tem mais chama que solidez. Estas qualidades superficiais valem-lhe todavia alguns êxitos felizes; inflamado como é, é capaz de comover as almas e de as lançar, Deus queira que seja sempre para o bem.

### ***2º Vantagens deste temperamento***

O carácter é encantador por certos lados: feliz de viver, o sanguíneo é jovial, alegre, amável: presta de boa vontade um serviço e procura dar gosto: é a alegria das companhias, mas muitas vezes em detrimento dos ausentes que põe a ridículo.

Constata-se o seu ardor, a sua facilidade para a piedade, e sobretudo a piedade de sentimento, ergue os seus suspiros para o bem para o heroísmo, mas com a condição de o alcançar sem esforços, sem sacrifícios.

### ***3º Meios a empregar para corrigir os defeitos deste temperamento***

O que falta ao sanguíneo é a vontade, isto é, a firmeza, a constância nas suas resoluções. É preciso que ele chegue a dominar-se e a governar a sua vida; é por isso que deve ter um regulamento de vida sabiamente traçado, que sustente e ampare a cada momento a sua vontade inconstante e a mantenha no bom caminho que ela está muito exposta a abandonar.

Os conselhos e avisos dum amigo seguro ser-lhe-ão também extremamente úteis. Esta categoria de pessoas têm necessidade de sentir que as amam, que se interessam por elas; e isso comove-as e anima-as muito. Se se tratam com dureza ou mesmo com indiferença, fecha-se-lhes o coração e afastam-se talvez para sempre.

Elas ficarão contentes que se lhes apresente, sobretudo nos princípios, a virtude sob os aspectos mais atraentes e deixar-se-ão facilmente prender por esse gosto que elas

têm pelas doçuras. Elas depressa compreenderão que devem purificar o seu coração, sobrenaturalizar os seus sentimentos; e, em vez de amar as criaturas, esforçar-se-ão por amar a Deus Nosso Senhor e quererão amá-Lo sempre cada vez mais, até ao heroísmo, como Santa Maria Madalena.

Evitarão com todo o cuidado fazer esforços para excitar em si mesmas movimentos de sensibilidade, à qual serão muitíssimas vezes inclinadas, porque a sua devoção tornar-se-ia excessivamente natural, excessivamente humana.

Deverão ter em pouca conta as lágrimas e outras impressões e não procurarão senão a vida de fé toda pura, sem apoio sensível.

## **2 - O temperamento bilioso ou colérico**

Os biliosos têm por característica a necessidade de operar e de despendar a sua actividade. Dir-se-iam carregados duma electricidade de alta tensão, sempre pronta a transformar-se em trabalho. Também lhes chamam impulsivos, apaixonados, voluntariosos. O sangue rico e abundante corre através dos músculos fortes e poderosos e chega às veias todo enegrecido pelos produtos da combustão orgânica. Esses resíduos depositam-se nas camadas pigmentarias da pele (por baixo da pele): por isso, as pessoas que possuem este temperamento têm, em geral, a tez um pouco amarela, e deve ser esta cor de bÍlis que fez dar a este temperamento o nome que tem. Como essas pessoas despendem muita actividade, são ordinariamente magras, e as suas feições, fortemente acentuadas, dão ao rosto um aspecto um pouco rude e uma expressão severa.

### **1º *Inconvenientes deste temperamento***

Os caracteres que derivam deste temperamento são caracteres ambiciosos, orgulhosos, independentes, invejosos, desconfiados, dissimulados, inclinados a tratar os outros com uma altivez que pode ir até à crueldade. São dum acesso seco e brusco, dum trato difícil e duro, muito prontos para repreender os outros e não suportando ser repreendidos. Nestes grandes activos a sensibilidade não é de modo nenhum delicada. Na necessidade que experimentam de actuar, de despendarem a sua actividade, não têm tempo para se preocuparem com os seus próprios sofrimentos, nem com os dos outros e poder-se-ia julgar que não têm coração. Quando encontram obstáculos, tornam-se violentos. Os seus arrebatamentos são terríveis e as suas cóleras formidáveis. Quando são vencidos guardam o ódio no coração, até que tenha soado a hora da vingança. Nota-

se neles uma parcialidade surpreendente e não mudam com facilidade a sua primeira apreciação, ainda que a condenem interiormente.

Mas, enquanto estão animados de semelhantes disposições, como podem orar e receber os sacramentos? Procedem pouco por motivos sobrenaturais e não procuram senão a realização dos seus projectos: prouvera a Deus que eles fossem sempre justos e racionais!

### **2º Vantagens deste temperamento**

É a actividade, a energia, a força de vontade, o amor do que é grande e belo. Quando podem estudar, acumulam conhecimentos, habituados como estão ao trabalho, ao esforço, mesmo à fadiga. Sempre algum projecto fermenta no seu espírito, e fazem já hoje, o que poderia ser adiado para amanhã; e, para chegar mais depressa ao fim, pisam aos pés tudo o que os demora mesmo as conveniências mais elementares.

### **3º Como corrigir os defeitos deste temperamento**

Estas pessoas seriam dum valor inestimável, se soubessem dominar-se e governar as suas energias. Assemelham-se a máquinas aquecidas a uma alta tensão, lançadas a grande velocidade, mas às quais faltam freios bastante seguros. Deveriam não seguir os seus instintos; porque dão passos largos, mas fora do caminho: elas fazem muitas vezes mais do que deveriam e muitas vezes também não fazem o que deveriam fazer. Não têm confiança senão em si.

Trata-se, portanto, de moderar o grande fogo do seu natural e de fazer todas as coisas com uma moderação que seja de alguma sorte gelada.

As pessoas biliosas devem ser conduzidas com doçura e bondade; seriam tentadas a arrebatarse e a revoltarse perante uma palavra um pouco viva; ao passo que uma palavra doce, uma atitude graciosa, as acalmará e impedirá a sua bília de se inflamar.

Elas recordar-se-ão da palavra do Divino Mestre: *“Aprende de mim que sou manso e humilde de coração”*, e elas repetirão as palavras de S. Francisco de Sales que se esforçava por dominar o seu temperamento fogoso: *“meu Deus fazei parar este andarilho”*.

A meditação das verdades eternas fará cair gota a gota, sobre a sua natureza excessivamente ardente, a paz e a tranquilidade, porque eles são capazes de grandes virtudes, como também de grandes faltas.

### **3 - Temperamento nervoso ou melancólico**

Os nervosos são também chamados atrabiliários (atra bilis: bÍlis negra) por causa da sua tendência para o humor negro, distinguem-se pelo predomínio do sistema nervoso sobre as outras partes do organismo, parecem ter pouco sangue e muitos nervos: por isso têm mais sensibilidade que actividade. A sua tez é pálida, das menores vibrações da temperatura e sobretudo de todas as emoções da alma.

#### ***Inconvenientes deste temperamento***

Eles são duma sensibilidade extrema, falam sobre a impressão do momento, e dizem palavras que lastimam imediatamente, porque não se possuem nesses momentos de exaltação. O amor e o ódio, a simpatia e a antipatia partilham a sua existência. De si mesmos actuam pouco; mas, quando estão exaltados, a sua acção torna-se febril, violenta, e, bem depressa, são gastos por esses esforços nervosos.

A sensibilidade é menos pronta que a do sanguíneo mas mais profunda. Ao passo que à menor dificuldade o sanguíneo se eleva como leite em ebulição, o nervoso parece calmo e insensível; mas, contudo, ele sentiu a impressão dolorosa e esta foi até ao coração; e enquanto o sanguíneo repele a injúria como se repele com um gesto rápido a brasa, o nervoso deixa-a entrar muito adiante, prende-a em vez de a rejeitar e sente a dor que ela causa como a duma flecha que reabre uma chaga fechada.

O nervoso desconfia muito de si mesmo; ama o bem mas julga-se impotente para o realizar e sofre das doenças que a sua imaginação lhe cria. Não lhe falta coração e tem-no terno, delicado, fiel; mas sofre com isso mais do que goza; porque ou sente que não lhe retribuem em proporção a amizade que dá e esta ingratidão magoa-o profundamente ou então tímido e desastrado não sabe ou não é capaz de exprimir o que sente, e o silêncio a que se entrega é-lhe extremamente doloroso. Com efeito não é aberto, expansivo como o sanguíneo; e ao menor sopro frio, semelhante a certas flores, fecha-se, esconde-se e sofre por esse motivo. Tem então atitude de egoísta e não o é; longe disso, mas fecha-se, porque está ferido. A sua desconfiança para com os outros aumenta, aviva a melancolia que o mina; liga a esquecimentos aparentes, a palavras banais, a procedimentos indiferentes, uma gravidade que não tem e vê naqueles que, bem involuntariamente o magoam, perseguidores e algozes. Se alguma antipatia, sem fundamento, se apodera dele, já não pode suportar a pessoa que é objecto dela, e a obsessão pode tornar-se tal que o conduza à loucura.



O nervoso pode ser comparado a um instrumento maravilhoso que se desarranja facilmente.

### **2º *Vantagens deste temperamento***

Quando o nervoso goza de boa saúde, é amável, afectuoso, serviçal. Como ele amadurece as suas ideias, os seus pensamentos são mais fortes, mais bem apreendidos, revestidos de expressões mais precisas. Mas, para ele, o trabalho intelectual é uma fadiga e ele não gosta aplicar-se por muito tempo.

### **3º *Como corrigir os defeitos deste temperamento***

Como todo o mal, para o nervoso, vem da vontade, que está sujeita a eclipses às vezes prolongados, durante os quais a vida moral pára ou se falseia, é preciso que ele chegue a persuadir-se de que as suas depressões e as suas tristezas não vêm senão da fraqueza orgânica; é preciso que espere pacientemente que as forças lhe voltem; é preciso que ele se imponha o dever de acreditar nos seus amigos; é preciso que deixe de se abandonar aos seus devaneios e que se fixe em Deus por meio de jaculatórias frequentes e fervorosas.

Em princípio, as pessoas dotadas deste temperamento não devem ser admitidas nas casas religiosas, elas estão demasiado expostas a tornar os seus devaneios por manifestações da vontade Divina. Depois, essa disposição que experimentam pela solidão, pelo isolamento, leva-as a dispensar-se dos exercícios comuns, afim de se entregarem mais comodamente aos seus devaneios. Contudo Santa Teresa de Jesus observa que estas pessoas nascidas para a contemplação, porque, sendo menos dissipados que os sanguíneos, fixam-se mais e aprofundam melhor.

## **4 - O temperamento fleumático ou linfático**

Este temperamento é produzido pelo predomínio da linfa no sangue. (A fleuma ou a linfa é um humor aquoso que se expele cuspiendo).

Compreende-se que as pessoas são tomadas deste temperamento tenham uma aparência plácida (frouxa, mole) um certo ar de insignificância.

Distinguem-se contudo os *apáticos* que são fracos, preguiçosos; os *amorfos*, que parecem reduzidos a uma massa informe de carne, e os *fleumáticos* que podem ter um alto valor: é deste que falamos.

### **1º Os inconvenientes deste temperamento**

A sua *sensibilidade* não é nem pronta, nem afinada, nem profunda; ignoram o dom de dar gosto por amabilidades, solícitos e diligentes.

A sua *inteligência* pode ser aberta, mesmo judiciosa; mas não é enriquecida pela imaginação.

A sua *linguagem* será clara, justa, positiva, antes que colorida, atraente e entusiástica.

Podem, como se diz vulgarmente, tornar-se como carneiros enraivecidos, duma cólera terrível que não recua de ante de nenhum excesso.

### **2º Vantagens deste temperamento**

Os fleumáticos são prudentes, reservados, não operam senão com segurança, chegam ao seu fim sem ferir ninguém. Todavia correm o risco de deixar escapar ocasiões favoráveis. São daqueles que não apagam a mecha que fumeja ainda, e torneiam os obstáculos em vez de os quebrarem.

### **3º Como corrigir os defeitos deste temperamento**

Ao passo que o bilioso deve conter-se, o fleumático deve estimular-se; deverá recordar-se de que o reino dos Céus sofre violência e de que deve levar a sua cruz, se quer caminhar com Jesus e presta-se-lhe um serviço ajudando-o a vencer-se.

É bom impor-lhes um trabalho intelectual ou físico que os absorva sem os sobrecarregar, porque a ociosidade lhes é extremamente funesta.

O seu juízo é recto, e compreendem a utilidade das observações ou mesmo das censuras que lhes são dirigidas com bondade e firmeza.

## **Carácter ideal**

1. Rectidão de consciência
2. Energia de vontade
3. Bondade de coração
4. Dignidade de porte, de conduta

## **1. A rectidão de consciência**

Consiste em:

1º Cumprir perfeitamente os deveres do próprio estado, as próprias obrigações. E isto, custe o que custar, quer sejam coisas pequenas, quer sejam coisas grandes.

2º Ter um grande horror à mentira, ainda que seja só dar uma outra aparência à verdade. Ter sempre uma grande sinceridade, repelir tudo o que seja dissimulação ou hipocrisia. Nunca deixar de fazer nada por respeito humano. Ter um grande respeito pela palavra dada, ainda que o seu cumprimento peça sacrifícios.

3º Ter uma grande probidade para com o próximo. Respeitar os seus interesses materiais e especialmente espirituais. Considerar a sua reputação como uma coisa sagrada. Ter horror a maledicência e, ainda que se saiba qualquer coisa de desfavorável, não a dizer a não ser que seja a uma pessoa a quem seja necessário dizê-la. Respeitar os segredos dos outros.

No Antigo Testamento lêem-se estas palavras: *“O Deus de Israel é bom para os que têm o coração recto”*. Noutro lugar Deus elogia o seu servo Job pela sua rectidão.

## **2. A energia de vontade**

É indispensável, mas quem a não tiver pode muito bem adquiri-la. Consiste em querer o bem e quando se está em contacto com os maus não se deixar arrastar por eles. Conhecendo qual é o seu dever, não há nenhuma dificuldade que a faça impedir de o cumprir.

É preciso não confundir a energia com a teimosia ou mau génio. O apego às nossas ideias é uma fraqueza. A pessoa enérgica não tem medo de nada nem de ninguém. A única coisa que receia é ofender a Deus. Nunca emprega a violência. Está sempre firme nas resoluções tomadas e não desanima com as contrariedades. A sua firmeza exerce-se sempre sobre o que a obediência lhe manda. É assim senhora de si e não se deixa dominar pelas suas impressões ou paixões.

Duas coisas são precisas: é libertarmo-nos e governarmo-nos.

Libertar-nos do desânimo, da apatia, indolência, da má influência, etc.

Governar as paixões, as primeiras impressões.

Não é preciso ter insensibilidade. Pode-se sentir, sofrer, mas nunca sucumbir, ao desgosto e nunca por causa dele deixar de cumprir os próprios deveres. A vontade deve ser decidida activa perseverante.

### **3. A bondade de coração**

É muito necessária. Pode uma pessoa ter uma grande rectidão, mas, se não for compassiva e afável, todos têm medo dela. Inspira respeito, mas nunca inspirará amor. Tem a bondade três qualidades:

#### **1 - *Ser compassivo***

É naturalíssimo que soframos ao vermos sofrer e nos compadeçamos do sofrimento do próximo, mesmo quando esse sofrimento não tem muita razão de existir por ser causado por uma insignificância. Podemos animar essas pessoas, fazendo-lhes ver que não vale a pena preocupar-se com o que não tem importância. Devemos fazer isto com palavras carinhosas para não agravarmos o seu sofrimento.

#### **2 - *Ser afável***

Devemos ter sempre palavras bondosas, nunca mostrar um rosto carrancudo ou modos bruscos, mesmo que tenhamos qualquer contrariedade. As outras pessoas não têm culpa dos nossos desgostos. Além disso Deus recompensa a nossa generosidade, porque só o primeiro instante é que custa. Dominando a nossa impaciência para não magoar os outros e agradar a Deus, passado um pouco, o nosso sofrimento perde a sua intensidade. Devemos querer bem a todos, mostrar modos afáveis. Ter sempre um leve sorriso, um ar agradável, mas sem dissipação. Seria um grande defeito estar sempre a rir. Chama S. Francisco de Sales à amabilidade uma pequena virtude. É pequena porque ninguém dá por ela, mas para Deus, que a vê, é grande. Requer um grande esquecimento de nós mesmos, para só pensarmos nos outros.

#### **3 - *Prestar serviços***

Devemos estar sempre prontos a sacrificar-nos pelo bem do próximo, procurando ajudá-lo no que pudermos. Pelo menos com boas palavras e as nossas orações.

Tudo isto deve ser feito por amor de Deus. Não devemos esquecer que a nossa bondade deve ter sempre um motivo sobrenatural.

#### 4. A dignidade de porte, de conduta

Consiste em ter cuidado na maneira como nos apresentamos. Devemos andar sempre sem rasgões, sem nódoas, com o calçado limpo, etc. Faz muito boa impressão ver uma pessoa com o seu vestuário muito bem arranjado. Este cuidado ajuda muito a formar a vontade, porque pede um certo esforço. Devemos ter maneiras dignas. O andar, os gestos, as expressões de que nos servimos, a maneira de nos sentarmos, etc. tudo isto deve poder inspirar respeito.

Depois destas considerações, compreende-se quanta razão tinha Santo Agostinho para dizer: “*Senhor, fazei que eu Vos conheça e que eu me conheça*” e Sócrates para dizer: “*conhece-te a ti mesmo*”.

Com efeito, as pessoas que se desconhecem são uma legião e, se alguém não se compenetrar do que é, não compreenderá a necessidade de melhorar-se, de aperfeiçoar-se, e essas pobres almas assemelhar-se-ão a um campo no qual brotam as ervas mais ruins.

Sem dúvida, é preciso reconhecê-lo, a reflexão sobre nós mesmos é-nos extremamente penosa: os nossos defeitos desagradam-nos e nós temos pressa de desviar deles os olhos. Todavia, como são perfeitamente inspiradas as almas enérgicas que sabem tomar ousadamente o seu partido que vigiam os seus actos, reconsideram nas palavras proferidas e observam as menores inclinações do seu coração.

Importa também em extremo receber com docilidade e reconhecimento as recomendações e mesmo as censuras que pessoas judiciosas têm a caridade de nos dirigir.

Para realizar as qualidades do mais invejável dos temperamentos, iremos buscar elementos a cada um dos quatro tipos:

Do *sanguíneo* tomaremos o bom génio;

Do *nervoso* a profundeza e a delicadeza dos sentimentos;

Do *bilioso* a actividade inesgotável e a tenacidade;

Do *fleumático* o domínio de si mesmo, a prudência, o espírito de continuidade.

E, sobretudo, lembrar-nos-emos da palavra de Nosso Senhor: “*Aprendei de mim que sou manso e humilde de coração*”.<sup>2</sup> Eis o carácter perfeito.

---

<sup>2</sup> Mt. 11,29.

Como estas considerações se dirigem às almas religiosas que devem tender à perfeição, vou a propósito meditar este pensamento de S. Francisco de Sales: *“A verdadeira santidade jaz não nos disparates e nas ninharias da imaginação, mas no amor de Deus e na prática de todas as virtudes”*.

S. Francisco de Sales dizia: *“A religião não é composta de pessoas perfeitas, mas de pessoas que tendem para a perfeição. Quando se querem atrair pombas, não se lhe deitam pedras, mas bagos de milho. Deus envia-me os pecadores para que eu os tire do abismo em que as suas paixões os tinham lançado, e é tão difícil renunciar aos nossos maus hábitos e corrigir-nos, e devemos esperar que esses lobos se convertam em cordeiros e se tornarão maiores santos do que nós”*. É preciso que façamos tudo pelo próximo, excepto condenarmo-nos.

Nada também mais importante do que estender e reconhecer o caminho traçado pelo Espírito Santo e caminhar por ele com perseverança. Santa Teresa dirigia às Prioras dos seus mosteiros instantes recomendações a este respeito, e fazia compreender que o caminho não é o mesmo para todas as Religiosas. Umas, dizem os mestres da vida espiritual, experimentam um atractivo particular pelas austeridades corporais; outras sentem-se levadas à meditação contínua; esta procura a solidão e o afastamento das criaturas; aquela suspira pelas humilhações; uma terceira sente um terno amor por Nosso Senhor Jesus Cristo.

Os atractivos são também muito variados, há pessoas que são chamadas a caminhar muito devagar, muito lentamente, a pequenos passos, na via da perfeição; há outras que correm a passos de gigante. Se quiséssemos apressar demasiado as primeiras, fá-las-íamos desanimar, porque não podem usar senão das graças que receberam; se quiséssemos deter, a marcha das segundas, causar-lhes-íamos um mal enorme e irreparável.

Finalmente, é preciso que nos rendamos à realidade e que nos convençamos de que a luta é de todos os dias, de todos os instantes, de que ela durará até ao último suspiro e de que, por consequência, teremos sempre necessidade de reclamar o auxílio divino.

Note-se que a ave cai logo que deixa de bater as asas, e nós estamos sempre na necessidade de vigiar e orar. Mas é assim que se preparam e se aformoseiam as pedras com que se constrói a celeste Jerusalém.

As reflexões que acabamos de fazer mostram-nos o que é o terreno do Noviciado. É um solo excelente e nos sulcos que o trabalho espiritual abre nele, uma semente de trigo dos eleitos é lançada a mãos cheias pela boa e paciente semeadora que dirige o trabalho. Mas, como no campo de que fala o Evangelho, o joio brota entre o bom trigo. É preciso sachar, mondar, por bom e por mau tempo; é essa uma tarefa delicada, porque, ao arrancar as ervas, é necessário ter cuidado em não desenraizar o trigo do Senhor. O trabalho de limpeza do campo da alma faz-se de colaboração, pela noviça e pela Mestra (la bonne Mère) que lhe mostra como ela deve fazer. Quando as duas mãos activam a tarefa no mesmo sentido, os dias são inteiramente agradáveis, mas quando a mão da aprendiz, da discípula não vai a par da mestra, o êxito da colheita está comprometido.

À obra, queridas almas privilegiadas: vós procedereis tão bem por uma vontade dócil ao espírito de fé, que sairá do campo de Nazaré um belo e excelente trigo que o Pai de família mandará colher para os seus celeiros.

# O ESTUDO DOS CARACTERES

Já dissemos, falando do conhecimento próprio, que é útil, para melhor nos conhecermos, estudar os temperamentos e os caracteres.

Muitas vezes confundem-se estes dois termos. Quando, porém, se distinguem, pode-se dizer que o temperamento é o complexo das tendências profundas que derivam da constituição fisiológica dos indivíduos, e que o carácter é o conjunto das disposições psicológicas que resultam do temperamento enquanto modificado pela educação e pelos esforços da vontade, pelo hábito.

É pois mais útil estudar os caracteres que os temperamentos; porquanto o que importa, sob o aspecto espiritual é muito menos o temperamento do corpo que o carácter da alma. Os Antigos tinham aliás compreendido isto perfeitamente, visto que, ao descreverem os temperamentos, se atinham mais a notar as diferenças psicológicas que as fisiológicas.

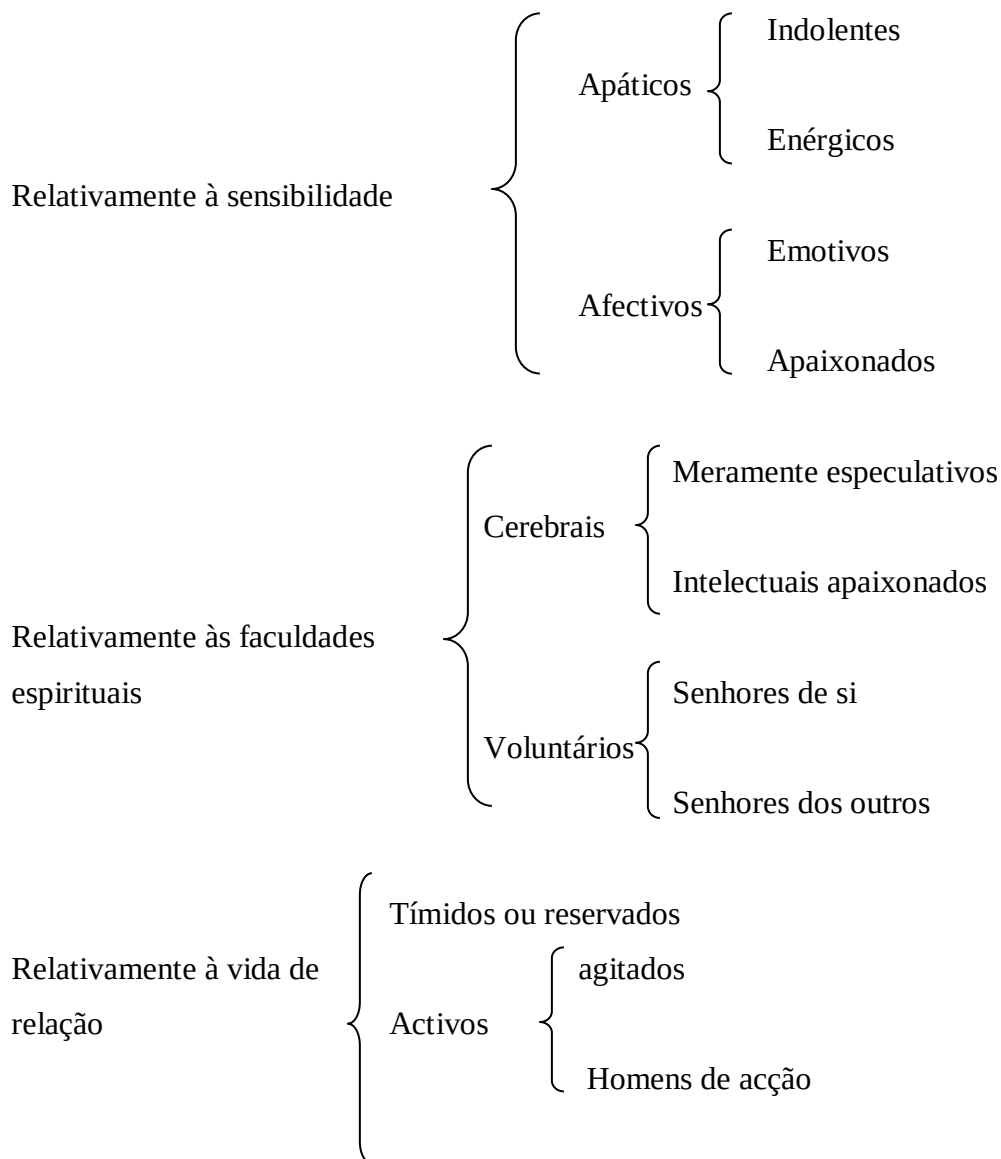
Vamos portanto agora tratar dos caracteres depois de termos tratado dos temperamentos. Exporemos muito sucintamente:

- 1º Os fundamentos da divisão que adoptamos;
- 2º Os diversos caracteres que se podem distinguir com relação às três grandes faculdades do homem;
- 3º Cada um dos caracteres em particular.

## 1º Fundamentos da divisão dos caracteres

A) Quando se querem especificar as principais tendências que diferenciam os caracteres, o fundamento mais sólido é seguir a ordem das diferentes faculdades do homem. Deixaremos contudo de lado as faculdades da vida vegetativa, que têm menos importância para o fim que nos propomos e veremos quais são os principais caracteres relativamente à sensibilidade, às faculdades espirituais e à vida de relação. Um pequeno esquema fará compreender melhor o nosso pensamento.





**B)** Antes de explicar esta divisão, tornam-se indispensáveis algumas observações preliminares:

**a)** Os caracteres que vamos descrever não existem no estado puro: acham-se geralmente mesclados e oferecem diversíssimos graus. Assim, os apáticos não são puramente apáticos, têm uma certa dose de sensibilidade; mas designam-se pelo que neles predomina. Do mesmo modo há muitos graus na apatia, como na sensibilidade, que só a observação individual poderá discriminar.

**b)** Além disso, cada indivíduo particular deve ser examinado sobre o tríplice aspecto que assinalamos. Assim, um apático, pode ser um cerebral ou um voluntário,

assim como um cerebral pode ser activo ou indolente. É mister, pois, saber colocar-se nestes diferentes pontos de vista, e fazer em seguida a síntese.

c) Os esboços que traçamos não são quadros rígidos, senão pontos de referência que permitirão ao director observar melhor cada um dos seus penitentes e estudar as suas particularidades: seria lamentável lavrar prematuramente logo após algumas entrevistas, uma sentença definitiva, que depois terá de ser reformada; só lentamente, por meio duma série de observações benevolentes, é que se pode chegar a conhecer o carácter duma pessoa.

d) Enfim não esqueçamos que as luzes do Espírito Santo, frequente e instantemente pedidas, são necessárias para o conhecimento de nós mesmos e dos outros.

## 2º Diversos caracteres

Consideremos agora, muito rapidamente, os temperamentos:

1. Relativamente à **sensibilidade**;
2. Relativamente às **faculdades espirituais**;
3. Relativamente à **vida de relação**.

### 1. Relativamente à sensibilidade

Todos nós somos dotados de sensibilidade; mas há indivíduos tão pouco dotados dessa faculdade que se chamam apáticos; outros pelo contrário possuem-na em grau tão elevado que se denominam afectivos.

A) Os **apáticos** são caracterizados por uma depressão anormal da sensibilidade e do sentimento: há neles poucas aspirações, pouco ardor ou paixão. Podem-se distinguir entre eles duas categorias: os *indolentes* e os *enérgicos*.

a) Os *apáticos indolentes* têm o andar vagaroso e desengonçado. Sem serem maus, são egoístas, preguiçosos: não sentem lá grande necessidade de amar ou ser amados. Em geral o seu juízo é recto, precisamente porque não são apaixonados. Não sente grande gosto para o trabalho activo.

Quando se determinam a trabalhar, mostram mais jeito para os trabalhos que demandam mais paciência que imaginação e sentimento; no colégio são os reis da turma.

Sob o aspecto espiritual, não têm aspirações a virtude elevada, mas também não sentem paixões violentas. Virtuosos quando não têm que lutar contra graves tentações, apenas sabem resistir às ocasiões perigosas que se apresentam, ou corrigir-se, se tiveram a infelicidade de contrair hábitos viciosos. Aceitam a direcção que se lhes dá contando que lhes não exijam grande perfeição nem os apertem com demasiada viveza a ir por diante.

Não é entre eles que se podem encontrar vocações religiosas ou sacerdotais; não são feitos mais que para as profissões tranquilas, pouco fatigantes, compatíveis com os prazeres honestos e moderados.

**b)** Os *apáticos enérgicos* se bem que vagarosos e pesados, são aplicados ao trabalho, constantes e metódicos nos seus esforços e à força de paciente labor, chegam a grandes resultados. Destes se encontra grande número na raça flamenga ou holandesa, mas há-os em todos os países; o americano Franklin pode classificar-se sobre este tipo.

Sob o aspecto intelectual, têm pouca imaginação e brilho, mas chegam a excelentes resultados nos trabalhos sérios que reclamam reflexão, paciência, longas e metódicas pesquisas.

Sob o aspecto moral, não têm grandes arrancos, mas procedem por convicção, com infatigável constância e são por conseguinte capazes dum elevado grau de virtude. Podem-se, pois, tirar deles óptimos resultados para o sacerdócio e para o estado religioso, inculcando-lhes convicções profundas, e amor do dever para com Deus, e exigindo deles esforços metódicos e constantes para a perfeição. Se bem que devagar, avançarão com segurança: *“labor improbus omnia vincit”*.

**B)** Os **afectivos** pelo contrário, são caracterizados pelo predomínio da sensibilidade: têm viva necessidade de amar e ser amados, e neles o coração é a parte principal.

Podem-se distinguir entre eles dois tipos principais: os *emotivos* e os *apaixonados*.

a) Os *emotivos ou sanguíneos* distinguem-se, no exterior, por movimentos prontos e graciosos, um sorriso amável, uma fisionomia alegre: têm predilecção pelas belas artes, pela música e pela dança. O que os distingue interiormente é a leviandade, uma extrema volubilidade: deixam-se tomar facilmente das mais diversas emoções, procedem segundo a impressão do momento, e são por isso mesmo inconstantes. Dotados de imaginação viva e coração ardente, dão muito nos trabalhos literários, têm o dom da palavra, e exercem uma espécie de sedução nos que os rodeiam.

Sob o aspecto moral, deixam-se facilmente arrastar aos prazeres sensuais, à gula e à luxúria; mas arrependem-se pronta e sinceramente das suas faltas, assim como recaem na primeira ocasião. Bons e amantes, apegam-se aqueles que os amam, são francos e abertos na confissão e direcção, deixam-se facilmente persuadir, e tomam boas resoluções que bem depressa esquecem. É pelo coração que se devem tomar para os levar a Deus, se se chega a conseguir que amem ardentemente a Nosso Senhor Jesus Cristo, pode-se tirar deles excelente resultado: por amor farão muitos sacrifícios, que pareciam ao princípio repugnar à sua natureza; por amor, aplicar-se-ão à oração, à comunhão frequente, à visita ao Santíssimo Sacramento, às obras de zelo. Mas é mister ensinar-lhes a amar a Deus na aridez e no sofrimento como na consolação. Pouco a pouco, sob o influxo da reflexão e da graça, se transformam em convicções as suas emoções; e, apesar de conservarem sempre o seu fogo natural, tornam-se mais ordenados e constantes nos seus esforços.

É necessário dar-lhes esta energia e constância para progredirem no caminho da perfeição e não cederem nunca às tentações de abatimento e desânimo a que são bastante propensos por natureza.

Se não se consegue dar-lhes esta energia e constância, não se podem animar a escolher um estado de vida, como o sacerdócio, que supõe virtude sólida.

b) Os *apaixonados*, em que dominam as paixões ardentes e profundas, podem-se reduzir a três tipos diferentes: os *melancólicos*, os *irritáveis*, os *grandes apaixonados*.

1º Os *melancólicos* têm uma tendência natural a ver tudo negro, a deter-se sobretudo no lado dificultoso e custoso das coisas, a exagera-lo; são pois inclinados à tristeza, à desconfiança, a uma espécie de misantropia. Sofrem muito e sem querer fazem sofrer os outros.

Se não buscam a sua consolação em Deus, o único que os pode confortar e atenuar as suas ideias sombrias, caem facilmente no tédio, no desânimo e no escrúpulo.

E é por isso que Santa Teresa poderá dizer que, se a melancolia é fortemente acentuada, as pessoas que têm essa tendência não são próprias para a vida religiosa. E o motivo é que, como ela supõe um predomínio assinalado da imaginação e da sensibilidade sobre a razão, pode, ao cabo de algum tempo, degenerar numa espécie de loucura. Em todo o caso para atenuar esta disposição doentia, é mister tratar os melancólicos com muita compaixão sem dúvida, mas também com austeridade e firmeza, não os deixando seguir os seus caprichos, nem se deixando guiar pelas suas suspeitas; visto que o seu critério não é bastante recto, é preciso que se submetam às decisões dum director ou dum amigo prudente.

2º Os *irritáveis ou impulsivos* deixam-se facilmente arrastar pelas primeiras impressões vivas que se lhes apoderam da alma: em viração incessante, passam rapidamente da alegria à tristeza, da esperança à inquietação, do entusiasmo ao desalento. Se os contradizem ou humilham, entregam-se a arrebatamentos, a palavras e gestos descompostos. Numa palavra, perdem muitas vezes o domínio de si mesmos e tratam desabridamente os que os cercam.

Para combater este defeito, é mister usar com energia e constância do poder de inibição, suspender imediatamente os primeiros movimentos desordenados, reflectir antes de fazer qualquer coisa, numa palavra, reconquistar pouco a pouco o senhorio de si mesmo. Se não conseguem dominar suficientemente os seus nervos e as suas emoções, nem sequer devem pensar no sacerdócio, pois que, no dizer de S. Paulo, a cólera violenta é um vício (...).

3º Os *grandes apaixonados* são os que têm paixões juntamente violentas e duradouras e se distinguem assim dos emotivos: enérgicos, pacientes, tenazes, são geralmente ambiciosos e buscam o domínio e a glória. Estão destinados a fazer muito bem e muito mal, conforme puserem as suas paixões ao serviço de Deus e das almas ou ao serviço da sua ambição pessoal. É entre eles que se recrutam os conquistadores e os apóstolos. O meio de utilizar estas naturezas ricas é orientá-las vigorosamente para a glória de Deus e conquista das almas, como S. Inácio fez relativamente a S. Francisco Xavier.

## 2. Relativamente às faculdades espirituais

Os homens em que predominam as faculdades superiores, a inteligência e a vontade, dividem-se naturalmente em dois grupos, os *cerebrais* e os *voluntários* conforme neles domina a inteligência ou a vontade.

**A)** Os **cerebrais** ou **intelectuais** são aqueles, cuja actividade se concentra nos trabalhos do espírito, do que são umas vezes especulativos puros outras intelectuais activos.

**a)** Os *especulativos puros* passam a vida na construção de sistemas intelectuais, tais foram Kant, Ampère. Alguns especulam pelo prazer de especular, e caem numa espécie de diletantismo perigoso que vem a rematar num certo cepticismo, como Montaigne e Bayle.

**b)** Os outros misturam com os trabalhos do espírito algumas paixões ardentes: há efectivamente *intelectuais apaixonados*, que vivem agitando as ideias, querem também agitar os homens e se apaixonam pelo triunfo duma ideia, dum sistema. Em ambos os casos são homens de grandes recursos. Mas os primeiros estão expostos a tornarem-se demasiado sistemáticos, demasiado abstractos, e a descurar os deveres da vida ordinária. Os outros têm necessidade, como os emotivos apaixonados, de pôr a sua actividade ao serviço de Deus e da verdade; aliás cairiam e fariam cair os outros em excessos formidáveis.

**B)** Os **voluntários** têm vontade firme, tenaz, indomável, e subordinam-lhe tudo o mais. Dividem-se em duas categorias: os *senhores de si* e os *senhores dos outros*.

**a)** Os *primeiros* empregam especialmente a sua energia em se dominarem e por isso em refrearem as suas paixões. Lutam, pois, com energia constante para dominarem a sensibilidade e sente-se neles o esforço, o cuidado de se refrear, donde uma certa reserva, e até às vezes uma espécie de rigidez acompanhada de desconfiança e respeito do que tende a lhes fazer perder este domínio. Mas quando por meio de esforços constantes o conquistaram, possuem uma prodigiosa igualdade de ânimo e sabem aliar a força e a doçura. Sob o ponto de vista espiritual, tudo está em submeter esta vontade forte e disciplinada à vontade de Deus; destarte aproxima-se o homem daquele equilíbrio das faculdades que existia no estado de justiça original.

**b)** Há *outros* que não aspiram tanto ao domínio de si mesmos como ao domínio dos outros; querem impor a sua vontade e governar os seus semelhantes. De olhos constantemente fixos no fim que se propõem, não se deixam desalentar pelos obstáculos e não têm descanso enquanto não virem obedecidas as suas vontades. São homens enérgicos e constantes, de que se podem tirar magníficos resultados. Mas é mister que eles se disciplinem a si mesmos antes de disciplinarem os outros; que ponham a sua energia ao serviço de Deus e das almas, e que no exercício da vontade, saibam temperar a firmeza com a doçura.

### **3. Relativamente à vida de relação**

Aqui encontramos dois tipos perfeitamente distintos: os **tímidos** e os **ativos**.

**A)** Os **tímidos** desconfiam demasiadamente de si mesmos, têm pouca iniciativa, sentem-se paralisados nas suas empresas pelo receio de fracassarem. Homens destes não dão grande cousa senão enquadrados no meio de outros, sustentados, animados por superiores ou amigos que lhes inspirem confiança e os ajudem a adquirir certa segurança. Sob o aspecto sobrenatural, é mister inculcar-lhes grande confiança em Deus, repetindo-lhes sem cessar que Deus se serve dos instrumentos mais fracos, contanto que, conscientes da sua impotência, busquem apoio no único que os pode fortificar: “*infirmi mundi elegit Deus ut confundat fortia...*”<sup>3</sup> *Omnia possum in eo qui me confortat*”.<sup>4</sup>

**B)** Os **ativos** têm uma tendência natural para a acção: empreendedores, audaciosos, fortes e enérgicos, têm necessidade de empregar a exuberância de actividade concentrada em si mesmos. Entre eles há duas classes diferentes: os *agitados* e os *homens de acção*.

**a)** Os *agitados* são a tal ponto apaixonados de acção que não podem manter-se no mesmo sítio e querem passar à acção, dê lá por onde der, ainda antes de haverem concebido e amadurecido um plano. Sempre à busca de projectos novos, não têm tempo de levar ao fim um só; vão e vêm, sem se poderem fixar, agitam-se, fazem muito

---

<sup>3</sup> Cf. 1 Cor, 1,27.

<sup>4</sup> Cf. Fl 4,13.

barulho e pouco bem. Dispostos a prestar serviço a toda a gente, esquecem depressa o prometido e põem-se à disposição de outrem.

Para os reformar, é necessário pois ensiná-los a reflectir antes de passarem à acção, a amadurecer os planos antes de os executarem, a consultarem os que têm mais sabedoria e experiência; e, uma vez tudo pronto, deverão aplicar-se a executar o projectado e até lá condenar-se a não empreender nada de novo; a reflexão e a constância são as condições necessárias do bom êxito.

**b)** Os *homens de acção* combinam longamente os seus projectos, antes de os porem em execução, discutem cuidadosamente o pró e o contra, pensam não somente nos meios mas também nos obstáculos que encontrarão, e organizam tudo com o intuito de chegarem ao fim desejado, a despeito das dificuldades.

É esta uma qualidade preciosíssima para os homens de obras e para os sacerdotes, que é mister saber cultivar com constância. Mas para que as obras mais bem concebidas possam produzir bons resultados, não se deve esquecer que é preciso pôr da sua parte a Deus pela oração e o exercício da vida interior: para ser católico de acção importa ser homem de oração. Então a vontade humana e a graça unem-se harmoniosamente para obterem excelentes resultados: *“Dei ennis adjutores sumus”*.

Recordemos, ao terminar, que a maior parte dos caracteres são em realidade, o resultado de diversas combinações e que, procurando adquirir as qualidades que não nos couberam em herança, é que chegamos a aperfeiçoar-nos, a equilibrar-nos e a dar quanto é possível esperar de nós. Assim os apáticos esforçar-se-ão por adquirir um pouco de sensibilidade; os cerebrais cultivarão a vontade e a acção; os voluntários reflectirão, antes de passarem à acção, e procederão com suavidade no exercício da força. Fazendo esforços e pedindo a graça de Deus, chega o homem a reformar-se, como mostra o estudo das Vias espirituais.



# SANTIFICAÇÃO DAS RELAÇÕES DE AMIZADE

## Apêndice

A amizade pode ser meio de santificação ou obstáculo sério à perfeição, segundo for sobrenatural ou natural e sensível. Falaremos, pois:

- 1º. Das verdadeiras amizades;
- 2º. Das falsas amizades;
- 3º. Das amizades em que há mescla de sobrenatural e de sensível.

### 1º Das verdadeiras amizades

Exporemos a sua **natureza** e **utilidade**.

#### A) Natureza.

A amizade, visto ser uma comunicação mútua entre duas pessoas, especifica-se antes de tudo segundo a diversidade das comunicações e a diferença dos bens que se comunicam. É o que explica excelentemente S. Francisco de Sales, na sua Vida devota: *“Quanto mais delicadas forem as virtudes que cultivardes em vosso trato, tanto mais perfeitamente será a vossa amizade. Se vos comunicardes as ciências, será decerto muito louvável a vossa amizade; mais ainda, se comunicardes as virtudes, tais como a prudência, a discrição, fortaleza e justiça. Mas, se a vossa mútua e recíproca correspondência, for de caridade, de devoção e perfeição cristã, ó meu Deus, quão preciosa será a vossa amizade! Será excelente, porque vem de Deus, excelente, porque se encaminha a Deus, excelente, porque durará eternamente em Deus; Oh! como é bom amar na terra, como se ama no Céu, e aprender amarmo-nos neste mundo como o praticaremos eternamente no outro!”*.

A amizade verdadeira em geral é pois um trato íntimo entre duas almas, para se fazerem bem mutuamente. Pode ficar simplesmente honesta se os bens, que se comunicam os amigos, são de ordem natural. Mas a amizade sobrenatural é de ordem muito superior. É um comércio íntimo entre duas almas que se amam em Deus e que Deus, com o fim de ajudarem mutuamente a aperfeiçoar a vida divina que possuem. A

glória de Deus é o seu fim último, o progresso espiritual é o seu fim imediato e o traço de união entre os dois amigos; é pensamento do Beato Etelredo: *“Ecce ego et tu et spero quod tertius inter nos Christus sit”*; o que Lacordaire traduz desta maneira: *“Já não posso amar a alguém sem que a alma se insinue atrás do coração e que Jesus Cristo esteja no meio de nós”*.

É assim esta amizade; em vez de ser apaixonada, absorvente e exclusiva como a amizade sensível, caracteriza-se pela tranquilidade, moderação e confiança mútua. É uma afeição tranquila e moderada, precisamente porque se funda no amor de Deus e participa da sua virtude; por isso mesmo é uma afeição constante, que vai crescendo, ao revés do amor apaixonado que tende a ir enfraquecendo. É acompanhada duma discreta moderação: em vez de procurar as familiaridades e carícias, como a amizade sensível, é cheia de respeito e reserva, porque não deseja senão comunicações espirituais. Esta reserva, porém, não impede a confiança; porque há estima de parte a parte, e porque se vê nas pessoas amadas um reflexo das perfeições divinas, experimenta-se para com ela uma grandíssima confiança que é aliás recíproca. Isto provoca comunicações íntimas, pois se aspira a comungar nas qualidades sobrenaturais de amigos. Segue-se pois a comunicação dos pensamentos, projectos e desejos de perfeição. E porque têm vontade de se aperfeiçoar misticamente, não receiam avisar-se dos seus defeitos e ajudar-se mutuamente a corrigi-los. A confiança criativa que reina entre dois amigos não deixa que a amizade seja inquieta, absorvente e exclusiva; não se julga mau que o amigo tenha outros amigos, até se sente com isso alegria pelo bem do amigo e do próximo.

**B) É evidente que tal amizade oferece grandes utilidades.**

**a)** A Sagrada Escritura louva-a frequentemente: *“um amigo fiel é uma forte protecção; e quem o encontrou, encontrou um tesouro. Um amigo fiel é um remédio de vida e imortalidade: Amicus fidelis protectio fortis; qui autem invenit illum, invenit thesaurum... Amicus fidelis, medicamentu vitae et immortalitatis”*. São palavras do Eclesiástico. Nosso Senhor deu-nos o exemplo dela na sua amizade para com S. João; este era conhecido por *“aquele a quem Jesus amava, quem diligebet Jesus”*.<sup>5</sup> S. Paulo tem amigos a quem está profundamente ligado; sofre com a ausência deles, não tem mais doce consolação do que tornar a ver-se com eles, e assim está inconsolável, porque

---

<sup>5</sup> Jo 19,29.

não encontrou Tito no lugar aprazado, “*es quod non invenirim Titum fratrem meum*”<sup>6</sup>; regozija-se quando o tornou a ver: *Consolatus est nos Deus in aduantur Titi...* Vê-se também qual era a afeição que tinha a Timóteo e como a sua presença lhe faria bem e o ajudava a fazê-lo aos outros e assim lhe chama seu colaborador, seu filho, seu caro filho, seu irmão: *Timotheus adjutor meus... filius meus... Timotheo frater... Timotheo dilecto filie*<sup>7</sup> A antiguidade cristã oferece-nos igualmente ilustres exemplos do mesmo género: um dos mais célebres é o de S. Basílio e S. Gregório de Nazianzo.

**b)** Destes exemplos se inferem *três razões* que nos mostram quão útil seja a amizade cristã, sobretudo para o pastor de almas.

**1)** Um amigo é um *salvaguarda da virtude*, *protectio fortis*. Temos necessidade de abrir o nosso coração a um confidente íntimo; por vezes o nosso director satisfaz a esta necessidade, mas nem sempre: a sua amizade paternal é de género diverso da amizade fraternal que buscamos. Temos necessidade dum igual com quem possamos falar com toda a liberdade. Se o não encontramos, andaremos expostos a ter confidências lamentáveis com pessoas que não nos merecem confiança e essas confidências nem sempre serão sem perigo para nós e para elas.

**2)** É também um *conselheiro íntimo* a quem submetemos de bom grado a nossas dúvidas e dificuldades e que nos ajuda a resolvê-las, um admonitor discreto e afectuoso que, vendo o nosso proceder e sabendo o que se diz de nós, nos dirá a verdade e por vezes nos impedirá de cometer imprudências.

**3)** É enfim um *consolador* que escutará com simpatia a narração das vossas tréguas, e encontrará em seu coração as palavras necessárias para as mitigar e vos confortar.

Tem-se discutido se se devem fomentar estas amizades nas comunidades: é que na verdade há fundamento para recear que elas venham a prejudicar a afeição que deve unir todos os membros, dando origem a certas invejas e ciúmes. É claro que é mister velar por que estas amizades não sejam nocivas à caridade comum, e sejam não somente sobrenaturais, mas encerradas em justos limites fixados pelos superiores. Mas, com estas reservas, têm também as suas utilidades, já que os religiosos necessitam igualmente dum conselheiro, dum consolador, dum admonitor que seja ao mesmo

---

<sup>6</sup> 2 Cor 2,13.

<sup>7</sup> Cf. Rm. 16,21; 1 e 2 Cor.

tempo um amigo. Contudo, nas comunidades, tanto e mais que em outra parte, é mister evitar com extremo cuidado tudo o que tenha ressaibos das falsas amizades.

## **2º Das falsas amizades**

Explicaremos a sua natureza, os seus perigos, os seus remédios.

### **1ª MEDITAÇÃO**

#### **O fim da alma consagrada**

##### **1º PONTO**

O fim da alma consagrada a Deus que professa uma vida contemplativa mitigada e, portanto, mista, é não só cuidar com o auxílio da graça divina, da perfeição e salvação da sua própria alma, mas além disso, dedicar-se com todo o empenho, pelo emprego dos meios que lhes são facultados por esse género de vida e com o contacto com o mundo exterior próprio dos Institutos de vida activa, a promover a perfeição e a salvação do próximo. Por isso o fim dos membros do nosso Instituto (Congregação e Oblatura) é a santificação e a salvação própria e alheia. Como é imensamente grande a *excelência*, a *utilidade* e a *felicidade* deste fim.

**I** - Vejamos os motivos da sua *excelência*.

Foi esse o fim principal das acções exteriores de Deus, isto é, da criação, da missão do Divino Espírito Santo, da vida, dos trabalhos e da morte de nosso Senhor Jesus Cristo, acções que eram dirigidas principalmente à perfeição e salvação do género humano. O segundo motivo é que, como atesta S. Dionísio, ser cooperador do Céu na salvação das almas é a mais divina de todas as obras divinas “*divinorum omnium divinissimum operas est.*” Em terceiro lugar quem zela a salvação dos outros eleva-se nobremente acima da terra, torna-se mais que os Anjos, medianeiro entre Deus e os homens e como que um outro redentor.

**II** - Enorme é também a *utilidade* que este fim nos proporciona.

Pelos grandes méritos que dele colhemos, pelas imensas graças que nos são conferidas, pela glória excelsa com que serão coroados esses trabalhos. E certamente

não há nada que tenha mais valor para aplacar a justiça divina como apresentar à misericórdia divina as almas que foram salvas por nosso intermédio.

### **III - Nem é menor a *felicidade* que daí resulta.**

Porque só aqueles que cuidam da perfeição, vivem tranquilamente, morrem em paz e são copiosamente consolados. Oh, seja, pois, bendito mil vezes Nosso Senhor que nos chamou a partilhar da própria missão de seu Divino Filho, na qual, em virtude da nossa vocação, somos obrigados a procurar este sublime, utilíssimo e ditoso fim!

Cumpre, porém, notar que este fim, isto é, a salvação própria e alheia, deve ser promovida, não segundo a vontade de cada um, mas do modo que Deus escolher; quer dizer, por aqueles meios e naquela medida pelos quais e na qual sua Divina Majestade quiser que a promovamos. Por isso não devemos tentar para outro grau de virtude nem doutro modo diferente daquele para o qual e pelo qual o Senhor decretou que tendêssemos. Nem devemos querer salvar outras almas ou em maior número, nem noutra lugar, nem noutra tempo, nem doutro modo, senão aquelas a que Deus aprouver, e no número, no lugar, no tempo e no modo que lhe aprouver. Não sendo assim, procuraremos, não a vontade de Deus, mas a nossa. Só a de Deus deve ser o objecto das nossas acções e dos nossos desejos. Fora dela só há erro e perdição.

Portanto, gravemos profundamente no nosso espírito esta verdade fundamental, que o fim da alma consagrada a Deus consiste em servir o seu Criador procurando a santificação própria e alheia, designadamente por aqueles meios e naquela medida pelos quais e na qual Deus quiser que isso seja por ela realizado.

Peçamos a Nosso Senhor que nos ajude a compreender e a pôr em prática esta doutrina que Ele ensinou com os seus exemplos e com as suas palavras.

## **2º PONTO**

Os meios de conseguir este fim, além da frequência dos Sacramentos, dos exercícios da oração e do recolhimento, da mortificação dos sentidos e das paixões e da observância da regra e do cumprimento da vontade dos superiores, são os diversos graus, os diversos ofícios, as diversas forças da alma e do corpo; porque precisamente por meio destas coisas a alma consagrada a Deus procura para si e para os outros a salvação e a perfeição.

Convém notar aqui três coisas.

1º Que na vida religiosa os diversos graus, as mudanças de lugar, a variedade dos ofícios, as vicissitudes da saúde não são senão os meios para promover a salvação própria e a dos outros; que, portanto, se devem desejar ou evitar, enquanto convêm ao referido fim ou afastam dele; porque o meio, como meio, não tem outra vontade que não seja a propriedade de conduzir ao fim. Quem buscar, pois, alguma dessas coisas, não por essa propriedade, mas por ela mesma, faz o contrário do que devia, convertendo o meio em fim.

2º Que toda a dignidade todo o lugar, todo o ofício, todo o estado de saúde, são para a alma consagrada a Deus meios aptos para obter o seu fim; podendo-se para obter o fim da salvação própria e alheia cumprir a vontade de Deus em todo o grau, em todo o lugar, em todo o ofício e com toda a espécie de saúde. A razão é porque podemos aperfeiçoar-nos e salvar-nos a nós e aos outros igualmente nesta ou naquela dignidade, numa casa rica como numa casa pobre, ensinando como costurando, escrevendo artigos para uma revista ou corrigindo provas tipográficas, como fazendo o serviço de porteira, de enfermeira ou de cozinheira, tratando da capela ou do jardim como varrendo ou lavando a roupa, as fracas e as doentes exactamente como as fortes e saudáveis. Portanto todos estes meios são meios aptos para alcançar o fim que pretendemos. Mas dirá alguma de vós: todavia um meio é mais apto que outro. Não, a minha Irmã está enganada; nenhum meio é por sua natureza mais apto que outro para conseguir esse fim; mas sim apenas mais cómodo, mais agradável ao seu amor-próprio.

3º. Que para alcançar o fim proposto é o mais apto entre os referidos meios aquele que Deus quiser que nos empregemos, isto é, aquele grau, aquele lugar, aquele emprego, aquele estado de saúde é o mais apto para servir a Deus e para conduzir-nos a nós e aos outros à perfeição e salvação eterna, no qual Deus por si ou por meios dos superiores nos tiver providencialmente colocado. Nesse nos serão dispensadas do Céu mais depressa e mais copiosamente as graças necessárias para realizar essa empresa do que em qualquer outro escolhido segundo o nosso gosto e o nosso capricho.

E por isso aquela dureza, aqueles enfados, aquelas sacudidelas, aqueles desprezos, aquelas tribulações, aqueles vexames, aquelas humilhações, e aquelas sinistras disposições dos superiores e outras coisas semelhantes que tanto nos custam e de que tanto nos queixamos às vezes no nosso íntimo são os meios mais aptos entre

todos, pensados, escolhidos e ponderados desde toda a eternidade por Deus e pelo seu amor infinito mais acomodados às nossas forças para atingir esse fim.

Pois é certo que a prudência de Deus porque é infinitamente providente e sábio, escolhe sempre os meios aptos e até os mais aptos para conseguir um fim. Portanto, visto que quer que nós procuremos, com os referidos meios a nossa salvação e a do nosso próximo, é evidente que aqueles são os meios mais aptos entre todos para a conseguir.

### 3º PONTO

Do que fica dito se conclui que uma alma consagrada a Deus deve servir a Deus, no estado religioso, naquele grau, naquele emprego, naquele lugar, naquele estado de saúde, em que a sua Divina Providência ou a obediência interprete das suas vontades lhe ordenar que o sirva. Por isso ela deve estar animada duma santa indiferença perante toda a dignidade, todo o emprego, todo o lugar, todo o estado de saúde: porque se deve servir o Criador do modo que Ele determinou, como se depreende claramente da condição de criatura, em tudo dependente do Criador.

Mas Ele deseja que o sirvamos naquele grau, naquele lugar, naquele emprego a que a obediência nos destina e naquele estado de saúde e de força em que a sua Providência nos coloca; porque é dogma de fé que tudo o que nos sucede, à excepção do pecado, sucede por disposição da Providência Divina. Obedecendo aos nossos superiores, obedecemos a Deus que eles representam, faremos a vontade de Deus que disse: *Qui vos audit, me audit*<sup>8</sup> de tal maneira que por meio da regra *illi beati sumus, quibus quae Deo placent manifeste sunt*<sup>9</sup> Portanto, devemos ser indiferentes a todas estas coisas. Portanto, a alma consagrada que não é indiferente não serve a Deus do modo que Deus exige dela e por isso desvia-se do seu último fim. Porque, assim como aquela indiferença em geral para todo o estado de vida honroso ou desprezado, rico ou pobre, é necessário a todo o homem para conseguir o seu fim; assim, esta indiferença particular para toda a dignidade, grau, todo o emprego, para todo o lugar, para todo o estado de saúde, é necessária para obter o fim da alma consagrada. E, assim como se afastaria do seu fim aquela pessoa secular que quisesse viver num estado diferente daquele a que a chama o Senhor, assim se desviaria do seu fim aquela alma consagrada

---

<sup>8</sup> Cf. Lc. 10,16.

que determinasse querer servir a Deus noutro estado de saúde, noutro grau, noutro emprego, noutro lugar que não seja aquele em que a obediência ou a Providência Divina a colocou.

Esta indiferença é coisa de grande importância e que se deve procurar com todo o esforço adquirir, visto que é a base da vida religiosa; sem ela não se pode construir o edifício da vida interior, porque a alma consagrada que não possui esta santa indiferença, jamais poderá chegar à perfeição completa e especial que é o fim primário do estado religioso.

### **AFFECTOS**

Incitemos os seguintes:

1º Actos de agradecimento pelo benefício da vocação que nos foi concedida a mim de preferência a tantos outros muito mais dignos, apesar da previsão de tantos pecados que havia de cometer e chamada a um Instituto por tantos títulos excelentes;

2º De dor pela transgressão da regra, pela desobediência aos meus superiores, pelo descuido na obra da minha santificação; numa palavra, de não ter cumprido as obrigações dum estado tão santo e de não me ter preocupado como devia com a salvação do próximo, pedindo-a e procurando-a com tanta friez;a;

3º De amor e de louvor pela admirável providência divina que no meio de tantos perigos e por tantos caminhos me conduziu tão amorosamente, ainda mesmo quando eu recalcitrava, e me conservou no posto da vida religiosa;

4º De propósito de servir a Deus daqui em diante do modo que Ele quiser; isto é, naquele grau de virtude que se dignar fazer-me conhecer durante estes santos exercícios que podem muito bem ser os últimos da minha vida.

Não nos detenhamos senão brevemente nestes quatro actos, mas pelo contrário procuremos com todas as forças excitar o acto:

De indiferença para com todo o lugar, para com todo o emprego, para com todo o grau, para com todo o estado de saúde; mas só em geral, não descendo hoje, nesta primeira meditação a particularidades muito minuciosas numa matéria tão difícil e tão contrária ao amor próprio, porque, sendo a vontade ainda fraca no princípio, convém avançar gradualmente, até que com as graças obtidas nos santos exercícios se torne mais

---

<sup>9</sup> Cf. Br 4,4.



forte, mais robusta e se arme vigorosamente para ir ao encontro dessas coisas e abraçá-las por amor de Deus apesar das repugnâncias da natureza.

Em particular: dê-se muito tempo também ao acto de fé, com a qual acreditamos firmemente que todas as coisas que, ou por ordem dos superiores ou por qualquer outra circunstância nos acontecem, procedem de Deus e para nosso maior bem é por isso que elas são os meios mais aptos para nos guiar ao nosso fim. Porque aquele mesmo Deus que disse: *hoc est corpus meum* <sup>10</sup>disse também: *qui vos audit me audit*<sup>11</sup> Se portanto acreditamos no primeiro, porque havemos de duvidar do segundo?

Com toda a firmeza de fé acreditamos:

1º que Deus é onisciente, portanto sabe qual é o lugar e qual é o grau, qual é a saúde, qual é o emprego que mais do que qualquer outro nos convém.

2º Que Ele é onipotente; portanto pode entre eles dar-nos o que mais nos convém.

3º Que Ele tem finalmente sede de amor infinito por nós; portanto dar-nos-á os meios mais aptos para conseguirmos aquele fim a que nos chamou. A fé viva desta verdade nos persuadirá eficazmente a termos a referida indiferença contanto que a peçamos a Deus com fervorosa oração.

Ah! se um simples pensamento de orgulho tornou tão disforme e tão abominável a beleza dos Anjos, que espectáculo será o da minha alma aos olhos do meu Criador depois de ter cometido tantas faltas, depois de tantas infidelidades e resistências à graça! Quantas culpas! Também eu, com Antioco, o rei bíblico, gemendo dolorosamente, *malorum quae feci per vitae cursum* <sup>12</sup>As três faculdades do meu espírito que deveriam ter sido o espelho vivo da presença divina e o templo sacrossanto da santíssima Trindade foram talvez a *abominatio desolationis stans in loco*<sup>13</sup> A longa série de meus anos não é senão uma cadeia contínua de fraquezas; todas as minhas acções não passam dum amontoado de vários defeitos e pecados. E não serem os meus olhos duas fontes de lágrimas para chorarem tantas e tão grandes misérias e não ter a minha mente o mais vivo horror para as execrar e detestar!

---

<sup>10</sup> Cf. Mt 26,26.

<sup>11</sup> Cf. Lc 10,16.

<sup>12</sup> Cf. 1 Mac 6,12.

<sup>13</sup> Cf. Mt 24,15.

## **2ª MEDITAÇÃO**

### **Dos pecados próprios**

#### **1º PONTO**

É suma a malícia e a gravidade do pecado pela sua torpeza e fealdade e pela sua multiplicidade.

**I** - A fealdade mesmo dum só pecado é tal e tão grande que a divina beleza o aborrece, o abomina e o detesta com ódio infinito, perene e necessário, com repugnância essencial, como um mal para si e contrário a todo o seu bem.

**II** - É tão grande que nem o dilúvio universal, nem o incêndio que há-de abrasar e consumir a terra, nem o sangue de todas as vítimas e de todos os mártires tem por si valor condigno para o expiar e apagar.

**III** - É tão grande que, se por hipótese impossível, a augustíssima Mãe de Deus e a natureza humana de Nosso Senhor Jesus Cristo pudessem manchar-se com um só pecado, apagado todo o esplendor da glória que os cerca, nesse momento se tornariam horrendos tições do inferno.

**IV** - Segundo Santo Tomás, pecando, afastamo-nos absolutamente de Deus.

E contudo, infeliz de mim, ousei tantas vezes com tão negra e horrenda mancha, sujar e afeiar a imagem de Deus impressa na minha alma!

#### **2º PONTO**

A gravidade da ofensa cresce na proporção da vileza e ingratidão do ofensor.

**I** - Imensa é a vileza da criatura humana pelo seu nada no existir; pela impotência no operar, pela sua podridão e corrupção no acabar; pelas misérias do corpo; pela malícia da alma; pela ignorância da inteligência e pela perversidade da vontade. Um pecado é nada comparado com todo o género humano; todos os homens são nada em confronto com um só Anjo; todos os Anjos são nada em relação a Deus; que serei eu então comparado com a majestade Divina?

E todavia este punhado de cinza e este monte de estrume, ousou levantar-se contra Deus e desobedecer à sua santa lei! Que será mais digno de admiração: a protérva da criatura que com tanta petulância insulta o seu Criador ou a paciência de Deus que tão benignamente tolera este monstro?

**II** - A ingratidão, junta a tanta vileza, aumenta imensamente a malícia do pecado. Deus a mim, pecador, dispensou benefícios em grande número, de suma utilidade, de valor infinito, os quais pela majestade do doador, pela grandeza dos dons, pela vileza de quem os recebe, são inestimáveis. E estes benefícios nos fez Deus dum modo singular, isto é, com amor eterno, amando-me quando começou a amar-se a si próprio; com um amor infinito, isto é, com aquele com que se ama a si mesmo; com um amor puramente gratuito, sem que daí lhe venha a menor vantagem.

E tantos benefícios e com tanto amor Deus derramou sobre mim... Deus que não precisa de mim, de ninguém, de coisa nenhuma, Deus que, só por si, é imensamente, infinitamente feliz... Beneficiou-me a mim, servo rebelde, que sou apenas uma gota de orvalho, uma folha seca que o vento leva, uma nuvem que depressa se desvanece, e um nada composto de misérias, de imperfeições e de defeitos de toda a espécie. Encheu-me de benefícios, na ordem da natureza e na ordem da graça, sem nenhum mérito da minha parte, tendo previsto os meus pecados e de preferência a tantas outras melhores do que eu que o teriam servido com todo o fervor. E, não obstante, ousei com tão negra e censurável ingratidão ofender, meu Deus tão bom, tão munificente, tão misericordioso, abusando para pecar dos seus próprios dons: os sentidos do corpo, as faculdades da alma, os dotes da natureza e principalmente a saúde e as forças do corpo.

Digamos do fundo da nossa alma: Ó Senhor, sou mais ingrata que as próprias feras as quais pelo menos nunca vos ofenderam; mais ingrata que os selvagens, aos quais não concedestes tantos benefícios como os que me dispensastes; mais ingrata que os próprios demónios, pelos quais não fizestes morrer o vosso próprio Filho. Reconheço-o e confesso-o profundamente humilhada no meu nada e coberta de confusão: esta minha ingratidão unida à minha vileza, aumenta em larga escala a gravidade dos meus pecados. Mas usai de misericórdia para com quem sinceramente se arrepende!... Perdoai a quem promete converter-se.

### **3º PONTO**

**I** - Finalmente a gravidade do pecado mede-se pela majestade e clemência do ofendido. Pelo que toca à sua majestade, não é capaz de a compreender nem mesmo a inteligência dos Querubins: esses só prostrados a adoram com a face velada pelas asas.

Nem é de admirar porque ele é *Rex potens, et metuendus nimis*<sup>14</sup> *sedens in solie Dominus, cui omnis exercitus coeli a dextris et a sinistris assistit* (2 Paral. 18,18). E eu, vil pó da terra atrevi-me a ofender uma majestade tão tremenda? Ele é poderosíssimo e podia, no momento em que pecava, mandar-me a morte e precipitar-me no meio das chamas do fogo do inferno: Ele é sapientíssimo e com olhos que tudo penetram viu-me enquanto cometia aquela falta. Ele é santíssimo e a náusea que sentia por aquela minha maldade, foi maior que todo o gozo que experimentou pelos actos heróicos de todos os santos. E todavia ousei ofendê-lo e ofendê-lo tantas vezes e com faltas tão grandes!

**II** - E ousei ofendê-lo naquele mesmo tempo em que a sua infinita clemência sustava os seus raios para que não descessem a reduzir-me a cinzas; refreou os animais para que não me despedaçassem e reprimiu os demónios para que não me lançassem viva no inferno. Já contra mim estavam armadas *omnes creaturas ad ultionem*<sup>15</sup> e Deus o impediu. A voz dos meus delitos clamando da terra pedia continuamente vingança ao Céu e Deus perdoou-me, dissimulares *peccate tua propter paenitentiam*<sup>16</sup> Além disso, guardou-me como a pupila dos seus olhos e me transportou, por assim dizer, no seu regaço, como a mãe costuma levar o seu filhinho. E até me amou, se não com aquele amor de amizade com que ama os justos, todavia com o amor de beneficência, sempre memor tui ut benefaeerit tibi. Não é pois horrível a malícia do pecado pela majestade e clemência de Deus ofendidas?

## **AFFECTOS**

**I - Acto de dor,** Ó meu Deus, eu vos ofendi! Um nojentíssimo nada ao Ente formosíssimo; um verme desprezível ao Supremo Monarca do universo; o servo ao seu Senhor, a criatura ao Criador, o homem a Deus... e, depois de tantos benefícios... com tão nefando desprezo e ingratidão... e isso por uma bagatela, por um nada, por uma miserável satisfação, só por petulância e malícia vos ofendi, ó meu Deus e Senhor, e, enquanto me vís e enquanto por um lado me ameaçais com o inferno e por outro me prometíeis o Céu... Ao mesmo tempo em que me cumuláveis de tantos benefícios, me apertáveis amorosamente ao peito... e tantas vezes vos ofendi... e depois de ter tantas vezes obtido o perdão... Ah! eu me envergonho... eu me arrependo... doo-me de tanta

---

<sup>14</sup> Cf. Ecl 1,8.

<sup>15</sup> Cf. Sb 5,18.

<sup>16</sup> Cf. Sb11,24.

maldade... Oh! quem me dera que com a veemência da dor se me partisse o coração ao meio!

**II - Acto de propósito.** Mas não mais pecado Senhor, não mais. Na presença de toda a corte celeste e da vossa divina majestade, firmemente determino e com toda a força do meu livre arbítrio, proponho querer antes perder mil vezes todos os bens, todas as honras, e no meio dos mais horrorosos tormentos a vida que tornar a ofender-vos no futuro, nem mesmo com um pecado venial; não, nunca mais; e principalmente com aquela e com aquele.

**III - Acto de humildade.** Ai de mim! Confessio. A minha alma não é toda ela senão uma chaga asquerosa (visão duma Santa: a alma em pecado venial). Verdadeiramente, como dizia o santo Job e era um grande santo, *abominabilis et imetilis sum*<sup>17</sup> ó maldito orgulho! Ó maldito amor próprio! que foi o principio de todas as minhas infidelidades, de todas as minhas faltas, de todas as minhas misérias, eu, com toda a minha alma te abomino e te detesto. De hoje em diante, não pensarei, não direi, não farei jamais coisa alguma que destile o veneno do orgulho, da soberba, do amor-próprio desordenado. Vós, ó desprezos e injúrias, vinde, arremessai-vos todos sobre mim, expiai, vingai o desprezo que eu fiz de Deus e da sua infinita majestade!

### 3ª MEDITAÇÃO

#### O Filho Pródigo

##### 1º PONTO

Consideremos como o filho pródigo, depois de ter recebido o quinhão que lhe cabia na herança paterna, se dirige para um país longínquo. Três circunstâncias importa ponderar:

1º Onde parte. 2º Para onde vai. 3º E porquê.

1º Em primeiro lugar ele parte, deixando o melhor dos pais de quem era amado com ternura; deixando a casa paterna, onde tudo estava à sua disposição; onde havia abundância de todas as coisas; deixando os seus criados e os seus amigos que o respeitavam e lhe queriam imenso.

---

<sup>17</sup> Cf. Jb, 15,16.

2º. E em seguida, encaminha-se para uma região distante, que ele desconhece por completo, muito afastada da sua pátria.

3º. E foi movido a dar esse passo só por petulância, loucura e proterva; porque tinha desdém de viver naquele lugar, naquele emprego, naquele estado em que seu pai queria que vivesse; isto é, na casa paterna, na companhia dum irmão obediente, no meio dos trabalhos e ocupações domésticas. Mas, oh, de quantas calamidades esse mau passo foi causa para esse desgraçado, ingrato filho.

Apliquemos a nós esta parábola e encontrá-la-emos convertida numa história verdadeira e exacta que nós bem conhecemos. Todo o pecado mortal é uma separação e um afastamento de Deus. Portanto, se tivemos a desgraça de pecar mortalmente, abandonamos a Deus, à semelhança do filho pródigo, a Deus nosso Pai amorosíssimo, providentíssimo, generosíssimo, centro de toda a felicidade e de toda a doçura; e caímos, infelizes de nós, no estado de pecado, que é o que mais nos afasta do Céu! Lançarmo-nos na fonte de toda a perturbação, no centro de toda a miséria. E, se por misericórdia infinita do Senhor, não manchamos a nossa alma com o pecado mortal, afastamo-nos do nosso Criador, todas as vezes que cometemos uma falta venial; todas as vezes que caímos do fervor na tibieza; todas as vezes que, por da santa indiferença, resolvemos viver noutro lugar, noutro emprego, noutra situação diferente daquela que Nosso Senhor nos tinha destinado. Mas oh, de quantas inquietações, de quantas perturbações, de quantos remorsos essa maneira de proceder tem sido origem para nós! Com razão devemos temer que Deus nos diga o que disse aos Israelitas: *Vos reliquistis me, et ego relinquem vos* (2. Parl. 12,5). Peçamos-lhe, do fundo da nossa alma que se lembre de que, embora nos tenhamos recusado a ser seus filhos e a proceder como tais, Ele não deixou de ser nosso Pai. Peçamos-lhe que, portanto, tenha compaixão de nós e com os vínculos da caridade nos reconduza ao seio do seu amor, não permitindo que jamais nos separemos dele, nem no tempo, nem na eternidade.

## 2º PONTO

Consideremos o filho pródigo que guia e apascenta uma vara de porcos<sup>18</sup>: Pobre e nú, *coepit egera*.

Que morre de fome, *fameo peres*.

---

<sup>18</sup> Cf. Lc 15.

Abandonado por aqueles mesmos pelos quais tinha gasto todos os seus haveres:  
*Adhaesit uni civium.*

Tratado cruelmente por aquele mesmo amo a quem servia: *Misit illum in millam ut paseerat* porcos. Eis o estado daquela alma que quando gravemente abandona o seu Criador ou, com os pecados veniais, caindo do fervor na tibieza, dele se afasta.

Porque também essa alma dissipa os seus bens: isto é, a graça, o tempo, a habilidade, o talento, vivendo senão na sensualidade, ao menos pouco fervorosamente. Por isso, também ela é:

1. Pobre e nua: nua porque despida do estado da graça ou da perfeição da mesma: pobre, porque privada das luzes, dos auxílios divinos e além disso ferida pelos ladrões do inferno.

2. Também ela morre de fome; está enjoada do maná celeste, isto é, da meditação e do próprio Pão dos Anjos, a Sagrada Comunhão que recebe friamente e sem gosto; aborrece os exercícios de piedade, com os quais se costuma manter o vigor da alma; e deseja pelo contrário alimentar-se de guloseimas e de detritos, isto é, de tudo quanto agrada à sua vontade ou lisonjeia os seus sentidos.

3. Também ela é abandonada, escarnecida e atraçoada por aqueles mesmos por cuja causa tinha ofendido a Deus, por justa pena de Talião, que quem abandonou o Criador pelas criaturas seja depois com igual perfídia abandonado por elas.

4. Finalmente, é cruelmente tratada por aquelas mesmas paixões a quem serve com tanta cegueira. E até, assim como o filho pródigo *cupiebat implem ventrem suum saliques quar porci manducabat et illi dabat*, assim à alma são recusados ou tirados aquelas mesmos prazeres pela esperança dos quais abandonou o Supremo Bem ou lhe são amargurados pelo tédio ou pelo remorso da consciência. Que estado tão deplorável e tão desgraçado!

Pelo contrário, como vivia tranquilamente na casa paterna o irmão do filho pródigo! Muito maiores calamidades tinha sofrido esse ingrato para viver à sua vontade e satisfazendo os seus apetites e os seus caprichos do que teria de sofrer em casa servindo o seu pai. Do mesmo modo, muito menos incômodos suportam e muito menos sacrifícios fazem no caminho das virtudes as almas fervorosas obedecendo à graça do que as almas caprichosas, negligentes e relaxadas cedendo aos impulsos da natureza e percorrendo a estrada da tibieza.

### 3º PONTO

Consideremos o filho pródigo que regressa à casa paterna. Induziram-no a isso três incentivos:

1. A lembrança da felicidade passada e da abundância que havia no seio da sua família: *Marcenarii ir domo patris mei abundant panibus.*
2. A consideração da miséria presente: *Ego hic fame peres.*
3. O pensamento da misericórdia do seu óptimo pai: *Ibo ad patrem.*

Estes três motivos bem examinados persuadir-nos-ão também a um sincero regresso a Deus, levando-nos a tomar generosamente o caminho que nos reconduz ao nosso último fim. São estes:

1º A lembrança da felicidade daqueles anos em que servindo com fervor a Nosso Senhor, gozávamos suave paz e duma alegria celeste.

2º O confronto da miséria do estado presente de tibieza com a felicidade do primeiro estado de fervor.

3º A consideração da bondade divina que benignamente convida a alma transviada, a alma infiel às inspirações da sua graça a trilhar o caminho direito; enquanto esta anda errante, espera-a com paciência e, finalmente, quando volta, acolhe-a com um terno abraço e reveste-a e adorna-a com a estola que tinha perdido e concede-lhe graças ainda maiores do que aquelas que outrora lhe tinha dispensado.

Leiamos as palavras do Santo Evangelho e admiremos a clemência deste pai amoroso, viva imagem de Deus Nosso Senhor e descobriremos: a prontidão da misericórdia, a ternura do afecto, a plenitude da graça e a grandeza da alegria. Por conseguinte, esta pronta, terna, plena e alegre facilidade de perdoar que tem tão bom pai, sirva-nos de poderoso incentivo para voltarmos arrependidas das nossas infidelidades e das nossas resistências à graça ao seio amoroso da sua infinita clemência.

### AFECTOS

Devemos prerromper naqueles mesmos afectos em que prerrompeu aquele desgraçado filho diante do pai ofendido.

1. De dor intensa das faltas cometidas: *Pater, peccavi in coelum et coram te.* Eu merecia ser castigado e abandonado e vós, Senhor, não só me perdoastes, mas



espontaneamente me convidastes a voltar aos vossos braços. Vós, óptimo pai, fostes o primeiro a correr a abraçar um tão mau filho; abristes os braços para me acolherdes; novamente me revestistes da abundância das vossas graças e me adornais ainda com aquele anel de amor que eu tinha como que desdenhado: nem isso vos basta; porque, preparando a mesa com o Pão dos Anjos, fortificais a minha fraqueza na Sagrada Eucaristia.

Ó misericórdia verdadeiramente infinita! Ah! eu não sei, eu não posso resistir a tanta bondade. Eu me arrependo de todo o coração das minhas infidelidades passadas.

2. De horror eficaz pelos pecados futuros. Também eu com o filho pródigo *surgam et ibo ad patrem. Surgam sus e volutabro luti*. Ó meu Deus, eu quero fazer, eu faço um propósito bem firme de emenda. Serei doravante indiferente em tudo, para todas as coisas que Vós quiserdes.

3. De humilhação com execração da soberba, primeira raiz de todos os males. *Jam non sum dignus vocari filius tuus*. Sou um pecador, não só indigno de todo o respeito, de toda a consideração, de todas as atenções, de todo o louvor, de todo o lugar, de todo o emprego honorífico, mas além disso merecedor de todos os desprezos, humilhações e opróbrios.

4. De ódio de si mesmo com a detestação da sensualidade, como outra raiz de pecado. Odeio e abomino o amor próprio que, induzindo-me a abandonar o mais amável dos pais, fez que eu, *in longinque regione, dissiparem substantiam meam*. Odeio-me até a mim mesmo que, enquanto unido com aquele momento em que pequei, sou o objecto eterno do ódio do meu Criador. Ah, eu me vingarei de mim mesmo, eu me castigarei: para aplacar a justiça divina, não haja trabalho, não haja humilhação, não haja contrariedade, não haja sofrimento, não haja tribulação, não haja angústia, não haja desprezo, não haja calamidade que não esteja disposto a suportar de boa vontade.

5. De conhecimento de si mesmo: Ó Senhor, eu sou aquele filho pródigo que vos abandonou: vejo-me retratado na vossa parábola, e aquela fuga, aqueles vícios, aquela pobreza, aquela fome, aquela degradação são a verdadeira imagem da minha alma longe de vós e privada da vossa graça. Mas eu volto para vós; arrependo-me dos desgostos que vos dei com as minhas infidelidades passadas; acolhei-me, Senhor, com a bondade com que acolhestes o filho pródigo e restaurai-me, depois de tanta decadência, com os tesouros da vossa infinita misericórdia.

## 4ª MEDITAÇÃO

### Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo

#### 1º PONTO

Jesus no seu nascimento ensina-nos a estimar, a amar e desejar a pobreza, porque foi extrema, apenas nasceu, a sua indigência.

1. Em razão do lugar. Nasceu efectivamente não só fora do palácio real, privado do reino, embora fosse filho de David e herdeiro do reino de Judá; nasceu não só peregrinando fora de sua casa e da sua pátria, tendo de ir, por ordem do imperador Octaviano César Augusto, de Nazaré a Belém; mas nasceu ainda mesmo fora do mais miserável albergue, coisa que não costuma suceder nem aos mais pobrezinhos. Na verdade, nasceu num curral e esse mesmo meio arruinado; foi colocado numa manjedoura e esta vilíssima; nasceu de pais santíssimos e nobilíssimos sim, mas extremamente pobres; sem outro serviço além do que lhe prestavam um boi e um jumento; saudado apenas por pobres pastores. Que estado de pobreza verdadeiramente assombrosa!

2. Extrema era, além disso, a pobreza de Jesus em razão do vestuário; porque sua piedosa Mãe, em vez de o cingir de faixas, envolveu-o em panos grosseiros; não de linho, como mesmo todos os pobres costumam ter, mas de qualquer outra matéria que os tornava duros e ásperos para os seus tenros membros; e esses paninhos foram talvez emprestados. Acresce que o Menino não foi posto sobre penas macias, numa caminha fofa, mas, por excessiva penúria de tudo, sua pobre Mãe *reclinavit eum in praesepio*<sup>19</sup> e este duro e no meio do inverno e sem lume, exposto ao rigor dos ventos. Tais misérias eram seguidas pelos dois íntimos companheiros da pobreza, o desprezo e a dor; de tal sorte que o Divino Infante pode dizer com o Profeta: *Pauper sum ego e in laboribus a juventute meã.*<sup>20</sup>

Ó Jesus, o Céu é a Vossa morada, os Querubins são o Vosso trono e vós aqui jazeis numa estrebaria, dentro duma manjedoura no meio de dois animais! Vós sois o esplendor da glória e a imagem da substância do Eterno Pai e aqui estais num estado de profundo abatimento, de desprezo e vilipêndio; nu, a tremer de frio e falta de todas as

---

<sup>19</sup> Cf. Lc 1,7.

<sup>20</sup> Cf. Cr. 17,16.

coisas, sois repellido de toda a parte, de todas as estalagens, de todas as casas particulares! Mas, ó Jesus, eu compreendo porque vos sujeitastes a tão grandes humilhações; foi para que, animados pelo vosso exemplo, aprendêssemos a estimar, amar e desejar a pobreza.

## 2º PONTO

E oh, quanto no entanto é rica a nossa pobreza, porque temos abundância de coisas supérfluas, já porque amamos excessivamente as necessárias. Que diferença entre a minha pobreza e a de Jesus! Ele está num pobre curral e eu numa cela bastante confortável; ele numa extrema penúria de todas as coisas, mesmo necessárias, e eu queixo-me, lamento-me até se não tenho as supérfluas; ele tem falta de hospedaria, de comida, de vestuário e eu não desejo senão andar bem vestida, cuidadosamente alimentada, comodamente instalada. Ah, quando imitarei finalmente aquele que eu adoro! Oiçamos, nós tão sensíveis, nós tão delicadas, nós tão esquisitas, nós tão exigente, ouçamos o que nos diz o Senhor: *Ecce ego... et tu quaeris tibi grandia!*<sup>21</sup> *Ego in frigore et meditate,*<sup>22</sup> e tu procuras tudo quanto possa lisonjear a teu corpo, satisfazer as exigências da tua sensualidade. *Ego in fame et siti,*<sup>23</sup> e tu procuras saciar a tua gula, não te mortificando na comida e na bebida. *Cuncti dies mei doloribus et acrusuuis pleni nent,*<sup>24</sup> e tu procuras todas as comodidades e delícias. Oh, que diferença! que diferença! Quem é que não teria pensado que o Rei dos reis, o Senhor dos senhores, que tinha vindo ao mundo para o salvar, nasceria no palácio dos Césares, cortejado pelos Príncipes, acarinhado por rainhas poderosas, envolto no esplendor das púrpuras e das pedras preciosas? E contudo o Eterno Pai, em vez dum palácio, lhe destina uma estrebaria; em vez de cortesãos, um boi e um jumento; em vez de berço uma manjedoura. E o Eterno Pai trata assim o Filho e Filho Dilectíssimo e santíssimo, só para que nós, instruídos por essa forma da vaidade das coisas do mundo, aprendêssemos a ter na devida conta o valor da pobreza e a amar e desejar os tesouros nela escondidos. Acresce que Jesus escolheu de bom grado este estado de pobreza com todas as suas misérias, embora, como Messias, visse que era prejudicial à sua reputação e além disso

---

<sup>21</sup> Cf. Jer 45,5.

<sup>22</sup> Cf. 2Cor 11,27.

<sup>23</sup> Cf. Dt 28,48.

<sup>24</sup> Cf. Ecl 2,23.

perigoso para a sua saúde. E, ainda que a tantos incômodos tivesse dado ocasião a vaidade de César Augusto que quis fazer o recenseamento do seu império; todavia prontamente se submeteu, para servir o Eterno Pai de modo que ele tinha decretado; nascendo com a maior indiferença naquele estado, naquele lugar que o Pai lhe tinha destinado desde toda a eternidade.

## **AFFECTOS**

Creio, ó Senhor, pois que vós mo demonstrastes com o vosso exemplo e com as vossas palavras, creio que são bem-aventurados os pobres de espírito e que deles é o reino do Céu. Creio que o mundo, seguindo após as riquezas, as honras e os prazeres, se engana; pois Jesus, sabedoria infinita, que não pode enganar-se nem quer enganar, nos assegurou precisamente o contrário! Ó pobríssimo Jesus, os vossos paninhos, o vosso presépio, o vosso curral são para mim indício, como o foram outrora para os pastores de Belém, de que vós sois o Filho de Deus, *in quo habitat omnis plenitudo divinitatis*,<sup>25</sup> com eles também eu vos adoro suplicante como meu Senhor e meu Deus. Oh! quanto me penaliza que a minha excessiva ânsia das comodidades da vida e das coisas terrenas vos tenha exprimido, apenas lágrimas dos olhos, chorando com piedoso gemido os meus loucos affectos mundanos e o meu ávido desejo de possuir. Conhecendo o meu erro à vista do vosso exemplo, aprendo agora, finalmente as inefáveis riquezas da pobreza, e até a amá-las, a desejá-las.

O cem por um e o reino do Céu, que tão generosamente prometestes aos pobres, me persuadem a amar esta virtude como mãe; a estimá-la mais que a pupila dos meus olhos, a guardá-la e defendê-la como o anteparo e o baluarte da vida e do estado religioso.

Aterrada com o tom das vossas palavras: *vae vobis divitibus*<sup>26</sup> renovo o meu voto de pobreza: Com todo o amor recuso e detesto todo o affecto desordenado às coisas terrenas. A decisão é já firme; não tomarei, não aceitarei nada daquilo que é necessário sem licença; nem me afeiçoarei com amor excessivo aquilo que posso usar com aprovação.

---

<sup>25</sup> Cf. Cl 2,9.

<sup>26</sup> Cf. Lc 6,24.

Serei sempre indiferente a qualquer lugar, a qualquer alimento, por mais incômodo, vil e pobre que seja; terei o maior prazer quando me for dado experimentar alguns efeitos da pobreza. Contanto que eu esteja naquele lugar em que desejais que eu habite e que vos sirva, todo o tugúrio será para mim um palácio. Vós, ó pobríssimo Jesus meu, vós sois o meu tesouro em que de hoje em diante repousará o meu coração. Eu desprovida de tudo, comprazer-me-ei em vos seguir desprovida de tudo; porque vós sois o meu prémio centuplicado, antes o meu tudo. Ó Senhor, vós que ouvis o desejo dos nobres, concede-me que eu, pobre de todas as coisas, seja rica somente de vós.

## **5ª MEDITAÇÃO**

### **Jesus no Templo**

#### **1º PONTO**

O exemplo de Jesus. É certo que os santíssimos pais de Jesus eram pelos excelsos dotes da natureza e da graça que possuíam dignos do mais terno amor. É certo que Jesus os amava terna e intensamente; e por isso é também certo que esta separação deles lhe devia ser em extremo difícil e dolorosa. E todavia o obedientíssimo Jesus, logo que sabe qual é a vontade de seu divino Pai, tendo em nenhuma conta as comodidades que lhe proporcionava a casa paterna, desprezando a consolação que lhe advinha do trato com as pessoas de família e com os parentes, não se preocupando com o enorme desgosto que sua ausência havia de causar aos seus caríssimos pais, sem lhes dizer sequer adeus, abandonou-os e dirigiu-se ao templo onde era chamado pronto para todo o que fosse preciso. E ali privado de tudo dedicou-se inteiramente ao serviço do Pai, tendo-nos deixado um documento insigne de que, despedaçados todos os laços, devemos sacrificar ao Supremo Senhor de todo o universo quanto tivermos de mais caro, apenas ele nos dê a conhecer que é essa a sua santa vontade.

Mas, ai, custa-me tanto este sacrifício que me pede, que o cumprimento do dever ou as circunstâncias exigem de mim! Custa-me tanto deixar esta casa! Custa-me tanto mudar de Superiora! Custa-me tanto conviver com esta irmã! Custa-me tanto renunciar a este emprego! Custa-me tanto ser tida em menos apreço e posta de parte! Mas que digo eu? Fixemos os olhos em Jesus, nosso divino modelo, comparemos as nossas razões de amar com a que tinha Jesus; confrontemos o affecto vicioso com que amamos

a nós mesmas e às nossas comodidades com aquele affecto puríssimo com que Jesus amava a si mesmo e as comodidades devidas à sua humanidade santíssima. Oh! que distância enorme! E todavia ao primeiro aceno de seu Pai ele sacrificou todas essas coisas; e a nós ser-nos-á forçado imolar-lhe como vítima com eterno mérito nosso esse vicioso e prejudicialíssima afeição de nós mesmos?

Jesus, para começar a obra da Redenção humana, abandonou uma mãe tão amável e tão santa; e nós não fazemos, por seu amor, os sacrifícios que o nosso estado exige de nós?

Além disso, tendo Jesus, para cumprir a vontade de seu Pai, abandonado as inocentíssimas comodidades da sua casa e até o pensamento de tudo o que lhe dizia respeito, à sua alimentação, ao seu descanso, à sua hospedagem, à sua saúde; seria por demais vergonhoso que, pela afeição desordenada à família, pelo apego excessivo às próprias comodidades e pelo vicioso amor de nós mesmos, nos assustássemos e deixássemos de seguir após ele em busca da perfeição a que nos chama. Peçamos ao Senhor que não permita em nós tão iníqua maneira de proceder. Amemos e pratiquemos constantemente a santa virtude da indiferença. Renunciemos a toda a afeição desordenada, a pessoas e a coisas, ofereçamos a Jesus Menino o sacrifício delas e este sacrifício será o princípio venturoso duma vida mais fervorosa, mais edificante e mais santa.

## **2º PONTO**

A esperança do prémio que mesmo na vida presente se alcança por este total holocausto de nós mesmos. Esse prémio consiste:

1. Numa certa paz da alma que excede todas as consolações sensíveis e é penhor da bem-aventurança celeste; pois que nenhuma coisa perturba aquele que já fez secar em si a fonte de toda a perturbação que é o amor-próprio.

2. Consiste numa íntima familiaridade e trato amigável com Deus; porque quem já despedaçou aquela afeição que se elevava como obstáculo entre Deus e o seu coração, goza livremente duma íntima e intensa união com o seu Senhor e Deus se compraz em estabelecer nesse coração a sua morada.

3. Consiste numa certa providência especial, com que Deus benignamente acaricia, guia, protege e defende essas belas almas e procura *ut iis omnia cooperantur in*

*bonum*.<sup>27</sup> E a razão é porque tendo-se elas despojado do amor-próprio, e tendo lançado todas as preocupações no seio amoroso do Senhor, ele, que não se deixa vencer em cortesia e em generosidade, vela por elas com olhos de particular protecção e recompensa-as com graças sublimes de prudência, de constância, de fortaleza, de paz e de alegria.

Confrontemos agora todos estes bens com o prazer que nos pode vir de lisonjear o nosso amor próprio, de satisfazer um nosso capricho, de procurar um conforto, uma comodidade que não está em harmonia com a nossa condição de almas consagradas de modo especial ao serviço e ao amor do Senhor. Não seria um verdadeiro acto de recusarmo-nos a dar um vidro para em troca um diamante? E que será não querer abandonar a criatura um capricho, uma comodidade, um desejo desregrado, uma desabrida, um apego excessivo e desordenado para possuir o Criador? Tudo é nada em comparação de Deus e, não obstante, nós o temos proposto tantas vezes a coisas tão vis e tão desprezíveis.

### 3º PONTO

As penas que aliás se seguiriam se procedêssemos deste modo. Estas são:

1. A perda de grandes e numerosíssimas graças que seriam subtraídas a tais almas rebeldes.
2. As gravíssimas tentações a cujo furor seriam deixadas entregues.
3. A tibieza inveterada em que se deixarão entorpecer e murchar até à morte.
4. As diversas desventuras, pelas quais Deus permitirá que sejam afectadas pois que ele armará todas as criaturas para vingarem aquela vil repulsa, pela qual se lhe nega o sacrifício desta ou daquela coisa.

Além disso, essas almas que repelem os chamamentos divinos e que se acham divididas entre Deus e as criaturas serão rejeitadas como instrumento de conversão das almas, de reparação e expiação dos pecados alheios: *ipse oratis ei fiet in peccatum*, sendo privadas da graça de orar bem: *diabolus stabit a dexteris ejus* empenhado em prejudicá-las em todas as ocasiões, se não de número, ao menos de méritos; *episcopatum ejus accipiet alter*, isto é, aquela estola e aquela coroa de glória que lhes estava reservada no Céu, serão dadas a outrem: *Noluit benedictionem*, anexa a esta

---

<sup>27</sup> Cf. Rm 8,28.

vitória, de si mesmas, *et elougabatur ab eo dilexit maledictionem*, cominada contra tais escravos dos sentidos *et veniet ei*.<sup>28</sup> Os sofrimentos e os desprezos serão o quinhão da sua herança e à hora da morte, se não se tiverem emendado, ouvirão o Senhor fulminar-lhe aquele terrível raio da sua justiça.<sup>29</sup> Oh, palavra, ó indignação de Deus!

## **AFFECTOS**

Creio Senhor.<sup>30</sup>

E aquele que se quer dar só a meias, vós recusais também o resto. Por isso, temo ó Senhor, as penas com que ameaçais aqueles que resistem pertinazmente aos vossos chamamentos: temo aquela solene sentença.<sup>31</sup> O que tem acontecido a outros pode acontecer-me também a mim. Porque e quem sabe que eu não seja do número daqueles que, se não se fizerem santos, serão réprobos? Meu Deus, ou santo ou réprobo! Ou nas alturas do Céu ou nas profundezas dos abismos eternos!..

Ó maldito amor próprio, ó maldito apego, ó maldito capricho, se hás-de ser para mim causa de tão grande mal. Sai para sempre deste coração, eu te detesto e não terei paz nem descanso enquanto não amar de todo o coração o meu amoroso Redentor e assim ao menos em parte o compense das duras repulsas que por tua causa até agora lhe tenho dado. Sim, meu Jesus, vós abandonando a vossa querida e amabilíssima mãe, me ensinastes a quebrar todos os vínculos da carne e do sangue, todas as afeições desordenadas da natureza: eu vos digo: “falai ó Senhor, que o vosso servo escuta”!

## **6.ª MEDITAÇÃO**

### **Sobre as prerrogativas do 3º grau de humildade**

#### **1º PONTO**

Consideremos a sua generosa excelência.

1. Que há de mais heróico do que, contanto que daí resultam igual glória para Deus e fosse igual o mérito, querer todavia ser aflito, pobre e desprezado com Jesus aflito, pobre e desprezado antes que viver no meio das riquezas, das delícias e das

---

<sup>28</sup> Cf. Pr. 10,8.

<sup>29</sup> Cf. Prov. 1,26.

<sup>30</sup> Cf. Mt. 10,37; 6,24; 12,30.

<sup>31</sup> Cf. Apc. 2,1 e Mt. 21,43.



honras? E por maior generosidade d'alma do que querer cingir uma coroa de espinhos em vez duma coroa de ouro ou de flores, só para ter mais semelhança com Jesus? E há por ventura sublimidade que iguale a de aborrecer e de fugir daquilo que o mundo ama e procura; e pelo contrário amar e procurar o que ele tão vivamente odeia e detesta?

E, se o justo atribulado e em angústia se torna um espectáculo digno de Deus, que será aos seus olhos aquele que não só suporta pacientemente como Job a primeira das coisas, a perda da fama e as aflições do corpo? Ah, peçamos ao Senhor que faça que não degeneremos dos altos pensamentos dos filhos de Deus.

## **2º PONTO**

Consideremos a sua felicidade:

1. A alma sublimada ao terceiro grau de humildade bebe a plenos haustos ainda sobre a terra a paz dos bem-aventurados, porque quem é que pode contristar aquele coração que procura pobreza, ama os trabalhos e as tribulações e ambiciona ignomínias e desprezos?

2. Está perto do centro de toda a felicidade e de toda a glória, isto é, de Cristo, porque toda semelhante a Ele se adorna com a sua mesma veste, se nutre com ele da mesma comida, se beatifica com ele da mesma sorte e do mesmo modo é tratada com ele pelo Eterno Pai.

3. É a delícia e o paraíso do Coração de Jesus, onde à sombra da árvore da cruz goza com ele dos suaves delíquios do amor e dos aprazíveis confortos de toda a doçura.

4. É o instrumento mais apto para promover a glória de Deus.<sup>32</sup> E que há aos olhos do mundo mais insensato e mais inútil do que o terceiro grau de humildade? Oh, quem não quererá aspirar a tão grande ventura? Quem?

## **3º PONTO**

Consideremos a sua utilidade:

1. Porque o terceiro grau é o caminho mais seguro, é o terceiro para a salvação eterna, porque nos livra dos inúmeros perigos que se encontram nos prazeres, nas honras e nas riquezas.

---

<sup>32</sup> Cf. Cor. 27.

2. É o atalho mais fácil e mais curto para chegar à perfeição, porque despoja a alma de todos os afectos e sentimentos maus e reveste-a das mais exímias virtudes; conduz directamente à semelhança com Cristo na qual conformidade de virtudes consiste toda a verdadeira santidade.

3. É um campo fertilíssimo de todo o mérito pela ocasião contínua de se sofrer que oferecem os desprezos, a pobreza e as tribulações e pelos grandes motivos de exercitar as mais sublimes virtudes que deste estado procedem tantíssimas vezes.

4. Além disso, essa alma dorme abandonada no seio da divina Providência, vive na terra uma vida celeste superior à de todas as outras criaturas humanas e próxima à dos Anjos; e, não querendo nunca senão o que Deus quer, vive sempre segundo os seus desejos e numa paz profundíssima.

5. Finalmente, está cheia de confiança esperando o cumprimento das promessas divinas.<sup>33</sup> E quem é que mais perfeitamente se despoja de tudo e quem é que segue de mais perto a Jesus, do que os humildes do terceiro grau? Que prémio, portanto, não há-de ser o delas?

## **AFFECTOS**

Creio, Senhor, que são felizes os pobres de espírito; felizes os perseguidos, os amaldiçoados e desprezados pelos homens. Creio tudo isto com toda a firmeza, porque vós que sois a verdade e a sabedoria infinita, o afirmastes. Oh, que tesouro está escondido no terceiro grau de humildade. Oh, que tesouro! Ah, quantas graças vos devo, porque mo fizestes conhecer!

Venero e abraço ternamente os desprezos, as tribulações e a pobreza como partículas da vossa cruz santificada pelo vosso preciosíssimo sangue. Oh, como bem tarde conheci o seu valor!... Lamento e choro a minha cegueira que me fez até agora amar e estimar coisas tão vãs! Mas doravante terei juízo, não quererei ser senão vossa, não quererei senão a Vós, meu Senhor e mestre; e enquanto<sup>34</sup> vivestes desde a mais tenra idade até à morte, seria uma vergonha que eu discípula e serva quisesse proceder doutro modo. Não, de futuro a pobreza será para mim precioso tesouro, a abjecção excelsa dignidade, a tribulação suprema delícia: assim farei, com o auxílio da vossa graça durante toda a minha vida.

---

<sup>33</sup> Cf. Mt 19,29.

<sup>34</sup> Cf. Cor, 11-17.

## 7.<sup>a</sup> MEDITAÇÃO

### Do que Jesus sofreu na honra e do modo como o sofreu para nossa instrução

#### ADVERTÊNCIA

Os mistérios da paixão de Nosso Senhor devem ser meditados:

1º como se cada uma de nós se encontrasse presente àquele sanguinolento espectáculo;

2º Como se Jesus sofresse unicamente por ela, pelos pecados que ela cometeu;

3º como se oferecesse todas as suas dores com benigno afecto só por ela ao Eterno Pai.

O fruto a colher desta meditação é uma maior firmeza em manter-se no terceiro grau de humildade, isto é, em querer, só para imitar de mais perto a Nosso Senhor, viver pobre, desprezado e mortificado.

#### 1º PONTO

Ponderemos as injúrias que Jesus sofreu.

Em *primeiro lugar* recebeu uma bofetada; e agravam extraordinariamente esta injúria três circunstâncias, isto é:

1. A infinita dignidade de quem a recebeu, por ser um Deus de suma majestade;

2. A abjecta vileza do ofensor que era um poltrão da ralé dos escravos;

3. A atrocidade do golpe que foi uma dura bofetada com uma luva de ferro. E porque lhe foi vibrada? Por uma resposta cheia de celeste sabedoria. Meu Deus! Vós recebeis uma bofetada? Vós? E duma mão tão vil? Os Santos Padres, dominados pelo mais profundo horror admiram-se de que não se abrisse naquele momento a terra e que escurecesse o sol e que o universo não recaísse no caos.

Em *segundo lugar*, Jesus foi escarnecido. Consideremos quem, por quem e de que modo é escarnecido. Isto é, o Filho de Deus, a glória do Eterno Pai, o Rei do Céu e da terra; e é vituperado por uma plebe miserável, indigna e cobarde e das formas mais ignominiosas; isto é, com o vendar-lhe os olhos, com o escarrar-lhe no rosto, com o puxar-lhe e arrancar-lhe a barba, com o dar-lhe murros, socos e pontapés; com o fazer-lhe arremedos, caretas e outros actos de contumélia. Num é apenas tornado joguete da escumalha; mas vestido como um louco, suporta os risos escarninhos dos cortesãos de

Herodes, os insultos dos escribas e dos sacerdotes, o desprezo dos magistrados. Oh, estupendo, assombroso prodígio de humildade e de paciência.

Em *terceiro lugar*, Jesus foi posposto a Barrabás! E aqui reflectamos do mesmo modo: quem, a quem e em que circunstâncias foi posposto. Isto é, a Majestade infinita a um vil malfeitor, o doador de todos os bens a um temível ladrão, o autor da vida a um cruel assassino; e foi-lhe posposto em coisa de tão grave importância, como era uma morte infame de cruz. Concorreu para agravar a injúria o sufrágio unânime e público de todo o povo, de toda a nobreza, de todos os doutores da lei, de todos os sacerdotes e como se o sangue de Jesus fosse o sangue dum criminoso abominável é imprecado e invocado sobre eles para cúmulo de ignomínia: *sanguis ejus super nos et super filios nostros*.

Em *quarto lugar*, Jesus inocente é difamado com as mais atrozes calúnias; isto é, chamado blasfemo, endemoninhado, herege ou samaritano, ébrio, destruidor do templo, ambicioso, rebelde, pervertedor da plebe. E em todas estas coisas há a ponderar a falsidade dos delitos assacados, a malvadez dos acusadores, a malignidade das testemunhas, a iniquidade dos juízes e, finalmente a verdade evidentíssima das virtudes opostas de Jesus manifestas, patentes a todo o mundo.

## 2º PONTO

Admiremos o silêncio com que Jesus sofreu tantas injúrias. Quem é que não acreditaria que a justiça divina ameaçasse todas as criaturas para vingarem tão horrível crime. Ou que pelo menos Jesus com eloquência divina defendesse a sua inocência? Mas nada disso sucedeu. Jesus perdoa, Jesus cala-se: (ver Ps. 37).

Mas, ó Jesus, as razões porque deveis falar e defender-vos são gravíssimas, porque:

1. A falsidade dos acusadores é evidente:<sup>35</sup>
2. A discordância das testemunhas é notória:<sup>36</sup>
3. Ao juiz a vossa inocência é manifesta:<sup>37</sup>
4. O ódio dos Judeus lhe é patente:<sup>38</sup>

---

<sup>35</sup> Cf. Mt 26,60.

<sup>36</sup> Cf. Mc 11,29.

<sup>37</sup> Cf. Lc 23, 4.

<sup>38</sup> Cf. Mc 15,10.

5. É imensa, é suma a sua propensão para vos salvar:<sup>39</sup> E, todavia (ó prodigiosa humildade!) e todavia *non respondit ad ullum verbum*.<sup>40</sup>

Jesus inocentíssimo é acusado de tantos delitos, diante de tantos juizes, na presença de tão grande multidão; sofre tanto a sua fama, estão-lhe iminentes tantos perigos, os açoites, os espinhos, os cravos e a cruz o esperam e contudo cala-se. Jesus *autem tacebat*.<sup>41</sup> Mas todo o direito quer que se defenda a fama, que se salve a vida. A falsidade das acusações é tão evidente, a inocência de Jesus é tão luminosa, que basta que mova os lábios para triunfar dos seus acusadores. Ah, Jesus quer satisfazer com as suas humilhações e os seus opróbrios a tua soberba e por isso Jesus cala-se. *Ille autem tacebat*.

### 3º PONTO

Odeia a nossa impaciente loquacidade quando nos sucede sofrer alguma coisa semelhante. Olhemos para Jesus e aprendamos a calar-nos. Comparemos a nossa inocência com a de Jesus; as razões que parece termos para devermos defender-nos com as de Jesus. Confrontemos os danos que podemos temer com os que se via que ameaçavam Jesus. Ele cala-se, e nós? Ah, como é vergonhosa loquacidade que nos leva a queixar-nos, a lamentarmo-nos e murmurarmos, quase sempre, por coisas de pouca importância.

Examinemos além disso quanto é para nós vantajoso o calarmo-nos; com quantas graças Deus premiará ainda na terra o nosso silêncio; de quão grande conforto ele nos será na morte; a quão grande felicidade ele nos conduzirá no Céu. Por ventura S. João da Cruz, S. Pedro Mártir, S. Francisco Regis, Santa Maria Madalena de Pazzi, S. Francisco de Sales e tantos outros Santos estão arrependidos de terem suportado em silêncio tantos e tão grandes calúnias?

Pensemos que as nossas queixas, as nossas desculpas, as nossas tentativas para defendermos a nossa fama não raro nos aumentam a desonra; enquanto por esta impaciência somos tidos em menos apreço pelos outros, perdemos a fama da virtude, o mérito do silêncio, a paz da alma, o aumento da glória.

---

<sup>39</sup> Cf. Jo 19-12.

<sup>40</sup> Cf. Mt 27,14.

<sup>41</sup> Cf. Mt 26-63.

Aborreçamos aquela ambiciosa soberba que nos faz desejar tanto ser honrados e temer tanto ser desprezados. Que coisa estupenda! Jesus recebe uma bofetada; é desonrado e escarnecido como o mais vil dos homens, é posposto a um ladrão em causa de morte; e nós, vermes da terra, escravos do pecado, não suportamos ser mortificados com uma palavra, ao mais pequeno desprezo prorrompemos em cólera e em lamentações e não queremos sofrer que sejamos postos depois dos outros, seja no que for. Ah, envergonhemo-nos de tamanha soberba e, ensinados pelo exemplo de Jesus aprendamos a suportar em paz e em silêncio as injúrias, as humilhações, as troças e os desprezos.

### **AFFECTOS**

Ó meu Jesus, mesmo assim escarnecido e vilipendiado, assim coberto de opróbrios, tomado o último e o mais abjecto dos mortais, eu vos adoro como meu Senhor e meu Deus, como meu Rei e meu Chefe. Longe de em tal abatimento parecerdes vil aos meus olhos, antes mais luminosa diviso em Vós a Divindade e mais profundamente amo a vossa santíssima humanidade. Só por mim ela desceu ao abismo de tanta ignomínia; só por mim se deixou envolver em tamanha confusão. Ó amor! Ó amor!

Pai Celeste, porque permitistes que o vosso Divino Filho se aniquilasse assim? A mim é que eram devidos esses opróbrios, a mim que pequei e que com a minha soberba ofendi tantas vezes e tão gravemente a vossa infinita majestade.<sup>42</sup> Ah, eu entendo; vós, meu Jesus quisestes por tão elevado preço ensinar-me a deprimir a minha soberba e a amar a humildade.

Sim, eu amo-a e amá-la-ei. Considerarei felizes os pobres de espírito e os vilipendiados. Tenho na conta de vaidade as honras, a fama e a glória de toda a humana grandeza. E recebi ó Jesus os protestos do meu arrependimento; dói-me profundamente ter dado abrigo no meu coração à soberba, ter ambicionado as honras, ter aborrecido as humilhações.

Daqui em diante, não só calando-me, mas exultando de santa alegria, suportarei todos os desprezos, todas as injúrias, todas as calúnias. Ah, concedei-me a graça de ser

---

<sup>42</sup> Cf. Lc 23,22.

constante nos meus propósitos e, lembrado da minha imensa fraqueza, animai-me e dai-me coragem para vencer os assaltos da minha soberba.

### **(Comentário do Mons. Bannard)**

O grande Prelado que foi Mons. Bannard, no seu admirável livro “Vido do General de Louis” que foi comandante dos Suavos Pontifícios, cita estas palavras do ilustre cabo da guerra e ilustre cristão: *“Je me sens à Sui, de plus en plus; quand ou se met à aimer Dieu, ou ne peut pas l’aimer assez”*.

E então, até onde poderemos subir? Quais são as cumiadas do amor para com Deus?

Ó vós que sois o bem-amado do meu coração, exclama a alma fervorosa no cântico dos cânticos, ensinai-me onde repousais quando chega a hora do meio dia!

Que quer isto dizer senão: onde encontrar a Deus, quando o sol do santo amor dardeja todos seus raios? Onde? O olhar ansioso perscruta todas as profundezas do horizonte e, quase sempre, três cumes radiosos lhe aparecem e lhe arrebatam o coração.

O primeiro atrai e fascina, nos anos fervorosos da juventude: é a vida religiosa. Era no dia mil vezes bendito da vossa primeira comunhão?

Era numa festa de luz, de pureza infinita, de ternura divina, em que do seu Tabor iluminado, o olhar de Jesus, na sua Eucaristia, feria o vosso coração como uma flecha de fogo? Era no dia em que recebestes a notícia de que uma das vossas parentes, ou uma das vossas amigas de infância, oferecera a Deus, diante do altar, a sua alma virginal, como uma noiva, envolta nos seus longos véus brancos?

Era aqui, acolá, naquela hora? Que importa? Mas, um dia, vós vistes, vós compreendestes, vós amastes a beleza do dom total, o transporte, o arrebatamento supremo da “celeste dilecção”, de que S. Francisco de Sales descreve tão comoventemente os doces encantos. Vós também, vós também dissestes: “Hei-de ser religiosa!”

Religiosa! e para quê?

Em primeiro lugar, para ser toda de Deus! Dar os frutos, é bom; dar a árvore é melhor!

Santa Maria Madalena de Pazzi era tão feliz por se ter consagrado a Deus para sempre que, como refere o seu historiador, de beijar as paredes da sua cela, guardas da sua vida religiosa, o seu mais caro tesouro.

Religiosa! e para quê?

Para pertencer mais completamente, por uma vida de sacrifício e de renúncia, por uma vida de penitência e de reparação, por uma vida de abnegação e de imolação, também aos pobres deste mundo, às crianças, aos velhos, aos doentes, aos agonizantes, aos pecadores, aos abandonados, a todos os que sofrem, a quantos precisam de luz, de graça e de perdão.

Não! Aos 20 anos, o coração não engana! E o vosso disse-vos nessa idade: A vida religiosa é verdadeiramente um dos cumes do amor divino.

Ela é mais que um cume; é a arca da salvação, levada pelas ondas por cima das mais altas montanhas. A água subia sempre, devorando as cidades, engolindo os povos e a arca bendita flutuava sempre, insubmersível, abrigando contra a morte aqueles que deviam ser, depois do dilúvio, a vida e a ressurreição do mundo.

Assim, o elemento continua a ser, mais que nunca, no meio da agitação e da convulsão geral das nações e dos povos, a esperança e a salvação das sociedades em perigo.



## ÍNDICE TEMÁTICO

|                                           |    |
|-------------------------------------------|----|
| Exame particular.....                     | 3  |
| Votos de Religião.....                    | 9  |
| Caracteres (continuação).....             | 15 |
| Diferentes temperamentos.....             | 36 |
| Estudo dos caracteres.....                | 48 |
| Santificação das relações de amizade..... | 57 |